

A INSERÇÃO DO ‘VOCÊ’ NO PORTUGUÊS BRASILEIRO OITOCENTISTA E NOVECENTISTA: REFLEXOS DE UMA MUDANÇA LINGÜÍSTICA SOCIALMENTE ENCAIXADA.

THE INSERTION OF ‘VOCÊ’ IN XIX AND XX CENTURY BRAZILIAN PORTUGUESE: DISCUSSIONS OF A SOCIALLY INSERTED LINGUISTIC CHANGE.

MÁRCIA CRISTINA DE BRITO RUMEU
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.
marciarumeu@uol.com.br

Este trabalho traz uma análise sociolinguística do comportamento do indivíduo (*panel study*, cf. Labov 1994), nos séculos XIX e XX, em relação à expressão (nula ou plena) das formas *Tu* e *Você* como sujeitos pronominais. O objetivo principal deste estudo é investigar, com base em cartas pessoais oitocentistas e novecentistas da família Pedreira Ferraz-Magalhães, o processo de inserção de *Você* no quadro pronominal do Português Brasileiro e o seu nível de coexistência com o *Tu*. Os resultados evidenciam que o *Você*, empregado informalmente em cartas brasileiras, entre os anos 20 e 30 do século XX, está em avançado estágio de mudança linguística, sendo tal processo conduzido pelas mulheres. A implementação de *Você* no quadro pronominal apresenta-se como um processo de encaixamento nas matrizes linguística e social (*embedding problem*, cf. Weinreich *et al.* 1968) do Português Brasileiro.

Palavras-chave: sistema pronominal, formas de tratamento, variação tu/você, estudo de painel, mudança linguística.

This paper presents a sociolinguistic analysis of the behavior of individuals (a *panel study*, according to Labov 1994), in the XIX and XX centuries, in relation to the expression (null or full) of the forms of *Tu* and *Você*¹ as pronominal subjects. Based on XIX and XX Century personal letters from the Pedreira Ferraz-Magalhães family, the main objective of this study is to investigate the process of inserting *Você* in the pronominal frame of Brazilian Portuguese and its level of coexistence with *Tu*. The results show that *Você*, used informally in Brazilian letters, between the 20s and 30s of the XX Century, is in an advanced stage of linguistic

Recibido
13/02/12
Aceptado
15/04/12

¹ ‘*Tu*’ and ‘*Você*’ are forms of the nominal subject ‘*You*’.

change, this process being led by women. The implementation of *Você* in the pronominal frame appears as an embedded process in the linguistic and social matrix (an *embedding problem*, according to Weinreich *et al.* 1968) of Brazilian Portuguese.

Key words: pronominal system, forms of address, tu/você variation, panel study, change linguistic.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS:

Esta investigação tem como tema geral o estudo da *norma escrita culta* do português brasileiro (doravante PB) em cartas pessoais oitocentistas e novecentistas. A partir do controle do perfil sócio-cultural dos informantes (missivistas), à luz de Lobo (2001), investiga-se o comportamento linguístico de brasileiros cultos unidos por vínculos familiares (família Pedreira Ferraz-Magalhães)² ao longo de suas vidas, em fins do século XIX e na primeira metade do século XX (*panel study*, cf. Labov 1994). Analisa-se, com base nessas cartas pessoais (*familiares*), o processo de inserção de *Você* no sistema e o seu nível de coexistência com o *Tu* no PB dos períodos em estudo. Com base em estudos anteriores (cf. Brito (2001), Machado (2006), Lopes (2009) entre outros) que atestaram que à medida que formas nominais se tornavam mais gramaticais (Vossa Mercê > Você), passavam a assumir a posição de sujeito, conjectura-se que a expressão plena do pronome *Você* já o evidenciaria como um pronome numa língua [+ *pro drop*], a partir da década de 30 do século XX (1937), cf. Duarte (1993).

Diferentemente dos caminhos que o *Você* segue, a partir do século XIX, em Portugal, a aristocracia brasileira emprega tal forma nos Oitocentos, como mostra Soto ([2001:241] 2007) na análise de cartas

² Rumeu (2008) apresenta, no segundo volume do seu estudo, a conservadora edição fac-similar diplomático-interpretativa de cento e setenta cartas (170) trocadas entre os membros da família Pedreira Ferraz-Magalhães. As referências acerca do *onde* e do *quando* foram produzidas as missivas, da *naturalidade*, da *nacionalidade* e da *idade* dos autores das cartas, seguidos de um breve resumo do *conteúdo* das epístolas são expostos antes das transcrições das cartas. Compuseram-se as fichas de identificação de todos os missivistas das cartas, confeccionadas à luz de Lobo (2001), e a árvore genealógica da família Pedreira Ferraz-Magalhães. Acredita-se ser legítima a preocupação do linguista-pesquisador em expor, à comunidade acadêmica, a reprodução fac-similar da missiva não só para que se confirme ou infirme a interpretação do código escrito, mas também para que se viabilizem outras análises de teor linguístico, paleográfico e/ou sócio-histórico com base em um homogêneo conjunto de cartas certificadamente produzidas por brasileiros cultos.

brasileiras oitocentistas e novecentistas. Tal constatação evidencia como conservadorismo do PB, por um lado, o fato de o *Você* ainda resguardar o prestígio da Forma Nominal de Tratamento que a originou (*Vossa Mercê*) para o tratamento da realeza. Por outro lado, o emprego de *Você*, cf. Soto ([2001] 2007), em cartas-diário, pela Condessa de Barral, ao se referir ao imperador *D. Pedro II* como se observa em (01), e entre os amigos baianos *Rui Barbosa* e *José Marcelino* (senador e governador da Bahia), em cartas pessoais trocadas em 1904 e 1906³, respectivamente, em (02) e (03), cf. Menon (2006), já não seriam indícios do acelerado processo de dessemantização sofrido pelo *Você* a assumir, no Brasil, o domínio da Solidariedade? Como depreender o uso linguístico mais informal dessa elite letrada brasileira em sincronias passadas do PB a partir da produção escrita de uma pequena parte da população brasileira socialmente privilegiada que não teve uma produção escrita regular? O que teria motivado o Imperador D. Pedro II a tratar a amiga Condessa de Barral, mulher da elite brasileira, com o inovador *Você*? E o que teria movido a Condessa de Barral a retribuir tal tratamento íntimo ao Imperador do Brasil D. Pedro II, conforme averiguado por Soto ([2001] 2007)? O que teria impulsionado a Vovó Bárbara Ottoni – redatora mediana nos termos de Barbosa (2005:40) – a também preferir, no Brasil de fins do século XIX, o *Você* para fazer referência aos seus netos, como se verifica em (04)?

01. Excertos de **Cartas da Condessa de Barral** e do Imperador **D. Pedro II**, em **1869**:

“Condessa de Barral:

Eu fiquei tão contente que nem sei como pude descer a escada do colégio. Meu pensamento foi de Montmartre ao Brasil e **V.** havia de sentir o fluido pelo seu coração.”

Imperador D. Pedro II: “Ah! se senti! **Você** sabe que bem lhe quero!”

Condessa de Barral: “Ah! Se sei!”

(cf. Soto [2001] 2007:159.)

02. **“José Marcelino a Rui Barbosa:** Caro colega e amigo Rui Barbosa. [...] Conhece **V.** a rica e vasta região dos Lençóis e os interesses de ordem pública, a que a administração tem de atender, ali, onde são frequentes as perturbações. [...] Conhece **V.** melhor que eu a questão da propriedade dos terrenos de marinha e das minas [...] e perante o Congresso e o Governo Federal a Bahia entrega-se a

³ Segundo Menon (2006:153), a carta de José Marcelino para Rui Barbosa é de 27.06.1904 e a carta de Rui Barbosa retribuída a José Marcelino é de 12.10.1906.

V. e a todos os seus representantes, dos quais deve V. ser o centro de ação por todos os títulos.”

(José Marcelino, 27.06.1904 *apud* Menon 2006:153.)

03. “**Rui Barbosa a José Marcelino:** Felizmente recebi do Severino, ontem, um telegrama, onde me diz: ‘Louvo-me no seu pensar e sentir; sou solidário seu modo de agir’; e V. mesmo termina o seu com estas palavras: ‘Resolva o que seu espírito esclarecido, criterioso e experimentado lhe ditar...’”

(Rui Barbosa, 12.10.1906 *apud* Menon 2006:153.)

04. “A 12 escrevi a Christiano e hoje a voce. Estimei muito as boas notícias que tive que voce está muito estudioso e que está muito adiantado. Continue para nos dar muito gosto e a sua Mae aquem abraçarás por mim. Aqui é uma monotonia, que so seouve abulha do Rio, que fas um atordoamento, que é pior do que o silencio. Teabraça e a Christiano Sua Avo e Amiga. Barbara.”

(Carta de Barbara Ottoni ao neto Mizael, em fins do século XIX, cf. Lopes e Machado, 2005:53. Carta 41, avó.)

A complexidade dos usos tratamentais, como se sabe, não se limita ao valor semântico-social que uma determinada forma de tratamento carrega em si, mas aos valores que os indivíduos podem atribuir a elas, nas diferentes situações comunicativas que, por si só, são também demasiadamente complicadas. Ao mesmo tempo em que *Você* é utilizado pela elite em cartas do então imperador D. Pedro II, aparece, no mesmo século, generalizado no uso doméstico nas cartas da vovó Bárbara Ottoni, cf. Lopes e Machado (2005). O que os diversos trabalhos sobre o tema têm mostrado é que, a partir do século XVIII, a forma vulgar *Você* torna-se produtiva nas relações assimétricas descendentes de *superior para inferior*, podendo até assumir, em algumas situações sócio-pragmáticas, “conteúdo negativo intrínseco”, em oposição a sua contraparte desenvolvida *Vossa Mercê*. Por outro lado, no Brasil do século XIX, a concorrência passa a ser maior entre *Tu* e *Você* em relações solidárias mais íntimas, não sendo tal estratégia negativamente marcada. Essa aparente contradição advém da própria origem e do processo de mudança⁴ de *Vossa Mercê*>*Você*, na medida em que se tornou gradativamente divergente do tratamento-fonte (*Vossa Mercê*) e passou a concorrer com o solidário *Tu* nos mesmos contextos funcionais. Do “tratamento nominal

⁴ Trata-se de um caso de gramaticalização já discutido em outros trabalhos tais como o de Lopes e Duarte (2003), Rumeu (2004), Barcia (2006).

abstrato”⁵ (*Vossa Mercê*), nos termos de Koch (2008:59), herdou o caráter indireto, por isso seria menos invasivo, menos “ameaçante ao interlocutor” e, dessa forma, funcionou como a estratégia preferida pelas mulheres na sociedade brasileira do século XIX, cf. Lopes e Machado (2005); Soto ([2001] 2007) etc.

Partindo desses problemas e questões, a hipótese principal deste estudo é a de que o *Você* no Brasil vinha sendo empregado, desde o século XIX, como forma de prestígio, usada pela elite, até mesmo nas cartas pessoais de pessoas ilustres. A adoção de *Você* pelas mulheres, em situações cotidianas, pode ter ocorrido pela manutenção da indiretividade do tratamento original *Vossa Mercê*, isto é, pela conservação de algum resquício de distanciamento. Empregar o tratamento direto *Tu* poderia não ser “tão adequado” às figuras femininas no contexto social de fins do século XIX e início do XX.

As hipóteses deste trabalho foram formuladas a partir dos resultados de outros estudos sobre o tema na tentativa de depreender *como*, *quem* e *quando* o *Você* suplanta o *Tu* no PB. A partir da constatação de Rumeu (2004) de que o *Você*, no século XVIII, ainda se comportava como uma *forma pronominal de tratamento*, postula-se que, em fins do século XIX, e, no século XX, seja possível entrever mais evidências da sua pronominalização e consequente admissão no quadro pronominal do PB, cf. Duarte (1993). Nesse período de transição, o *Você* ainda conserva uma relativa formalidade, mas se manifesta, por outro lado, em alternância com o *Tu*. Em outras palavras, entende-se que ainda que o *Você* viesse sendo empregado, desde o século XIX, como forma de tratamento da elite brasileira, representada pelo imperador *Dr. Pedro II* e a *condessa de Barral*, cf. Soto ([2001] 2007), já se mostrava generalizado no uso doméstico dos Ottoni, cf. Lopes e Machado (2005). Acrescente-se o fato de ser a mulher da família Ottoni (*Bárbara Ottoni*) a responsável pelo emprego de tal inovação linguística na intimidade da relação entre avó-netos (crianças) e mãe-filha. Partindo dessas observações, busca-se, neste estudo, testar a hipótese Laboviana (1990) de que as mulheres tendem a alavancar os processos de mudança linguística, sendo assim consideradas *inovadoras*. As mulheres da família Pedreira Ferraz-Magalhães, ao

⁵ “O tratamento abstrato se compõe de um adjetivo possessivo (que se refere ao interlocutor) e de um substantivo abstrato (que indica uma qualidade ou uma posição social atribuída ao interlocutor).”, cf. Koch (2008:59-60).

preferirem o inovador *Você*, poderiam ser consideradas *inovadoras*, conforme previa Labov (1990)?

Outra hipótese se refere ao momento da implementação de *Você* no quadro pronominal do PB. Machado (2006:99) comprovou, com base em peças teatrais, que, a partir de 1918, o *Você* se consolida como principal estratégia de referência à segunda pessoa, alterando “substancialmente o comportamento do preenchimento dos sujeitos ao longo do século XX, visto que a elevação da frequência de uso das formas plenas está intimamente ligada ao aumento da frequência do emprego de *você*”. Isso posto, acredita-se que a partir do estudo pormenorizado do comportamento de cada um dos informantes cultos da família Pedreira Ferraz-Magalhães em sua individualidade, através da análise de painel (*panel study*, cf. Labov 1994), seja possível confirmar ou infirmar o período entre os anos 20 e 30 do século XX como o momento de instauração do *Você* no sistema pronominal do PB em consonância com a tese de Duarte (1993) que constata ser os anos 30, mais especificamente o ano de 1937, o momento em que o PB passa a assumir o comportamento de língua não *pro-drop*.

Acompanha-se a produção escrita da família Pedreira Ferraz-Magalhães basicamente em três gerações⁶. A primeira geração é a do Dr. Pedreira (patriarca da família) que escreve aos filhos e aos netos, no contexto histórico-social da corte carioca, em fins do século XIX. A segunda geração é a de Zélia (filha do Dr. Pedreira e matriarca da família) que escreve aos seus filhos em inícios do século XX. A terceira geração é a dos filhos de Zélia (netos do Dr. Pedreira) que trocaram correspondências entre si, no interior dos conventos do Brasil e do exterior, no decorrer da primeira metade do século XX. Destaque-se que, com base na produção escrita desses informantes cujos perfis sociais – origem (*nacionalidade* e *naturalidade*), filiação, idade, gênero (sexo), nível de escolaridade, representação social – foram levantados, seja possível entrever as redes de relações sociais tecidas entre brasileiros que nasceram e viveram no Brasil imperial e republicano. Trata-se, pois, de amostras de cartas familiares confeccionadas por informantes pertencentes a uma abastada e conservadora família, rigidamente vinculada aos valores do catolicismo cristão, o que permitirá elucidar aspectos sócio-históricos e linguísticos da

⁶ Rumeu (2008) dispõe, à comunidade acadêmica, a edição diplomático-interpretativa de cento e setenta cartas familiares produzidas por “*mãos*” legitimamente brasileiras.

vida *corriqueira* de uma família de brasileiros, mais particularmente cariocas, no seu convívio familiar.

Estima-se que, através dos estudos linguísticos embasados nos textos escritos em terras brasileiras tais como as *cartas de comércio* produzidas *no* Brasil da segunda metade do século XVIII, editadas por Barbosa (1999), as *cartas particulares* do Recôncavo Baiano do século XIX, editadas por Lobo (2001), as *cartas da administração pública* e as *cartas da administração privada* confeccionadas no Rio de Janeiro dos séculos XVIII e XIX, editadas por Rumeu (2004), seja possível contribuir para a análise da face brasileira assumida pela língua portuguesa *na* realidade sócio-histórica do Brasil (Português *no* Brasil). A esses *corpora* que vieram elucidar o português *no* Brasil, apresenta-se o estudo linguístico-filológico de Carneiro (2005) que, por sua vez, contribui para a reconstrução da história do PB, ao editar cartas de brasileiros cultos (*cartas da administração privada*), confeccionadas no Brasil, no desenrolar de todo o século XIX, mais precisamente entre 1809 e 1904. Assim sendo, entende-se que esta investigação linguística venha a acrescentar aos estudos sobre a constituição histórica do PB, uma vez que as cartas em estudo apresentam alto caráter pessoal, além de terem sido confeccionadas por informantes letrados, vinculados a uma mesma família e representantes, nesta investigação, da escrita culta do Rio de Janeiro, no início do século passado.

Assumindo o objetivo de vislumbrar a expressão da escrita efetivamente praticada por escreventes letrados, na sua produção textual informal, pretende-se, não só, no que se refere à análise linguística, investigar o processo de implementação de *Você* no quadro pronominal, mas também, no que toca à construção da sócio-história de uma família culta que circulava na corte carioca no alvorecer da República, responder às seguintes questões:

(1ª) Considerando que Rumeu (2004) detecta, em cartas setecentistas e oitocentistas, um *Você* híbrido, busca-se responder à seguinte questão: em que estágio de pronominalização se encontra o inovador *Você* na virada do século XIX e primeiro quartel do século XX no PB, *transition problem*, segundo Weinreich *et al.* (1968)?

(2ª) Por que ocorreu a inserção de *Você* no quadro pronominal do PB (*actuation problem*, cf. Weinreich *et al.* 1968)? Qual é o contexto sócio-histórico de implementação da forma *Você* nas matrizes

linguística e social do PB (*embedding problem*), conforme Weinreich *et al.* (1968)?

(3ª) A investigação do *caminho trilhado* pela forma *Você* (*transition problem*, cf. Weinreich *et al.* 1968), na virada do século XIX para o século XX, passa pela análise do comportamento linguístico do indivíduo no uso idiossincrático do *conservador Tu* (estratégia de referência ao interlocutor licenciada pela *norma gramatical*) e do *inovador Você* (estratégia *nova* de referência ao interlocutor). Deseja-se, através da proposta de confecção de um estudo de painel (*panel study*), pensada por Labov (1994), refinar a metodologia de estudo da mudança linguística em tempo real voltada para sincronias passadas. O objetivo é organizar os procedimentos de estudo da mudança em progresso na diacronia a fim de depreender o comportamento dos membros da família Pedreira Ferraz-Magalhães. Esses indivíduos, ao mudarem de *faixa etária*, se mostram *estáveis* ou *instáveis* em relação à variação entre os pronomes-sujeito *Tu* e *Você*?

Com o intuito de dar conta dos objetivos desta investigação, estruturou-se este texto em cinco seções. Na primeira seção, apresentam-se as diretrizes gerais deste trabalho e as hipóteses que o norteiam. Na segunda seção, caracterizam-se os *corpora*. Na terceira seção, explicitam-se os pressupostos teórico-metodológicos que fundamentam esta análise linguística à luz da *Teoria da Variação* de orientação Laboviana. Na quarta seção, passa-se a uma breve apresentação dos resultados do estudo de painel dos missivistas (*panel study*, cf. Labov 1994). Enfim, chega-se, na quinta seção, às considerações finais do estudo de painel, voltado para fins do século XIX e para a 1ª metade do século XX do PB.

2. AS CARTAS PESSOAIS DA FAMÍLIA PEDREIRA FERRAZ-MAGALHÃES NO CONTEXTO SÓCIO- HISTÓRICO DO BRASIL OITOCENTISTA E NOVECENTISTA: UMA FAMÍLIA BRASILEIRA CULTA NO DESPERTAR DO SÉCULO XX.

Lucchesi (1998:74), ao discutir a constituição histórica do PB, admite a realidade linguística brasileira “(...) não apenas como heterogênea e variável, mas também como uma realidade plural; mais especificamente, como uma realidade polarizada”. O autor argumenta que a heterogeneidade linguística do PB pode ser justificada pela polarização de normas expressa através da convivência do *português*

substandard (normas populares) com o *português standard* (normas cultas). Com base na noção de *português standard*, defende-se que o conjunto de cartas editado e organizado por Rumeu (2008) evidencia a escrita culta cotidiana do PB. Neste trabalho, a opção pela análise desse *corpus* é motivada, sobretudo, pela existência de uma lacuna nos estudos sobre a história da língua portuguesa do Brasil, conforme Castro (1996).

Em relação ao português clássico, em especial dos séculos XVII e XVIII (para não falar do desconhecidíssimo XIX), quem o quiser estudar tem de se resignar a fazer de cabouqueiro, desenterrando penosamente os seus documentos, peneirando os dados, organizando uma taxinomia inexistente e, se ainda tiver coragem e tempo de vida, formulando hipóteses interpretativas que ficarão à espera de um debate crítico só possível se outros investigadores se transviarem pelos mesmos terrenos. Dito de outro modo, tem de começar num ponto do itinerário de pesquisa que se situa muito antes do cais de embarque dos estudiosos que privilegiam outras épocas históricas ou que, pura e simplesmente, privilegiam outras linguísticas, porventura menos dependentes de *corpora* textuais laboriosamente constituídos. (Castro 1996:136-137 *apud* Lobo 2001:91. Volume II.)

O procedimento metodológico adotado por Lobo (2001), ao editar cartas pessoais escritas pelas Clarissas do Convento de Santa Clara do Desterro, na Bahia do século XIX, foi o de construir uma socio-linguística histórica do português no Brasil.

Uma das vias possíveis para o estudo da constituição histórica do português brasileiro passaria, então, necessariamente pelo cuidadoso exame da história da transmissão de cada texto e da biografia do seu autor e, fundamentalmente, o seu desenvolvimento deveria apoiar-se em uma prática de análise em que a realidade linguística portuguesa fosse motivo de cotejo sistemático ao longo dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX.

(Lobo 2001:108. Volume II.)

A fim de subsidiar análises linguísticas elucidativas em relação à realização objetiva da norma culta escrita do português do Brasil que, segundo Pagotto (1999), foi habilmente fixada “à imagem e semelhança” do português europeu (doravante PE) e amparada pela força do discurso científico, no Brasil do século XIX, entende-se que se faça necessária a edição de *corpora* representativos dessa modalidade em *terras d’aquém mar*. Acredita-se que se esteja ampliando a perspectiva de análise adotada por Rumeu (2004), que, editou, naquele momento, *corpora* representativos da escrita culta da língua portuguesa no Brasil (português no Brasil). Em tal edição de cartas

da administração pública e privada, produzidas na realidade sócio-histórica do Brasil setecentista e oitocentista, não se dispunha de informações acerca da origem de todos os missivistas (*brasileiros* ou *portugueses*), por isso tais amostras de textos foram consideradas representativas do português *no* Brasil dos séculos XVIII e XIX e não, do português *do* Brasil. Neste estudo, entretanto, se propõe, um maior grau de refinamento da amostra, ao editar os textos produzidos, no contexto sócio-histórico de fins do século XIX e da primeira metade do século XX, por informantes seguramente identificados em relação à sua origem brasileira e ao seu nível de escolaridade (*culto*). O conceito de “*culto*” para o período precisa ser obviamente redefinido. Consideram-se como *cultos* não só os missivistas que estudaram, se dedicaram à vida religiosa como Padres e se tornaram bacharéis (*João Pedreira do Couto Ferraz, Jerônimo de Castro Abreu Magalhães, Fernando Pedreira de Abreu Magalhães, Jerônimo Pedreira de Abreu Magalhães – Pe. Jerônimo*), mas também as filhas do casal *Zélia Pedreira de Abreu Magalhães e Jerônimo de Castro Abreu Magalhães* que só se dedicaram à vida religiosa no interior dos conventos (*Maria Bárbara, Maria Elisa, Maria Joana, Maria Leonor e Maria Rosa*). Apesar de não haver indícios de que essas mulheres religiosas tenham chegado a concluir um curso superior, é possível assumi-las como informantes cultas do PB devido à “*bagaagem intelectual*” que adquiriram por terem nascido no seio de uma abastada família brasileira oitocentista. No aconchego do lar da família *Pedreira Ferraz-Magalhães*, valorizava-se o ensino de línguas (*inglês*), das ciências, da música, da literatura, conforme Pedreira de Castro (1960), difundindo-se, pois, a *Cultura* num sentido mais amplo. Além disso, acrescenta-se o fato de os nove filhos de Zélia (a matriarca da família *Pedreira Ferraz-Magalhães*) que seguiram a vida religiosa em distintos conventos do Brasil, além de outras atividades exercidas nas respectivas instituições a que pertenciam, terem se envolvido com o ensino dos jovens, cf. Pedreira de Castro (1960).

As missivas pessoais trocadas entre os membros da família *Pedreira Ferraz-Magalhães* expõem a intimidade de brasileiros letrados em intercâmbios comunicativos de informalidade caracterizados pela aproximação afetiva entre o remetente e o destinatário. Entende-se que os textos de circulação privada, segundo Barbosa (1999), tais como as *cartas pessoais*, apresentem-se como os mais transparentes, como

os mais livres da pressão prescritivista da norma padrão, em relação à explicitação de traços **linguísticos da oralidade**.

Entender que a produção escrita informal (*cartas pessoais*) de doze informantes unidos por laços familiares e afetivos possa reproduzir, com fidedignidade, a realidade linguística de uma parcela abastada da sociedade brasileira oitocentista e novecentista pode parecer um projeto muito audacioso. Nesse sentido, Oliveira e Silva (1992), ao se referir aos estudos sociolinguísticos com amostras de língua oral (1992 *apud* Duarte 1995:141), esclarece e acalma o linguista-pesquisador que se volta para realidades linguísticas pretéritas a fim de estudar uma dada comunidade linguística com base *apenas* na produção escrita de *alguns* informantes dela tomados como representantes.

Felizmente a língua é uma propriedade humana relativamente homogênea, entre outros motivos porque, para haver comunicação, é imprescindível que todos tenham acesso pelo menos ao âmago da língua de sua comunidade. Se algum excêntrico resolvesse criar expressões próprias, seria dificilmente compreendido, e essas expressões seriam eliminadas por seleção natural.

(Oliveira e Silva 1992:103.)

O intuito de tentar captar aspectos da oralidade de informantes cultos, a partir da sua expressão escrita informal, nos séculos XIX e XX, atormenta o linguista-pesquisador com a seguinte preocupação: será mesmo possível detectar, em sincronias passadas, traços da oralidade com base na análise da produção escrita de indivíduos letrados? Segundo Aguillar (1998), há a possibilidade de entrever o oral através da escrita, porém há de se atentar para o fato de que hábitos de escrita também podem transparecer na produção, misturando-se, pois, com os indícios da língua oral.

(...) A presença do oral na escrita é inegável, se intue, e às vezes é possível inclusive demonstrar-se: mas todo discurso é misto, impuro e do mesmo modo que a oralidade pode impregnar certos tipos de escrita, também as práticas de escrita podem infiltrar-se na oralidade.⁷

(Aguillar 1998:239-240.)

A perspectiva que embasa o estudo linguístico a partir de *cartas pessoais* é a de que o caráter informal de tais textos evidencie uma

⁷ (...) La presencia de lo oral en lo escrito es innegable, se intuye, y a veces puede incluso demostrarse: pero todo discurso es mixto, impuro, y del mismo modo que la oralidad puede impregnar ciertos tipos de escritura, también los modos escriturarios pueden infiltrarse en la oralidad.(...)” (Aguillar 1998:239-240.)

produção escrita menos “cuidada” à luz da *norma subjetiva*⁸ (cf. Cunha 1985:52). Porém, consciente da inquietação que cerca o trabalho com textos escritos a fim de vislumbrar o oral, cabe cercar-se de cuidados em relação à constituição de um conjunto de textos que se aproxime da espontaneidade da fala e que esteja criteriosamente organizado em relação à identificação do papel sócio-histórico dos remetentes e dos destinatários das missivas. Acredita-se que o elevado nível de escolaridade dos informantes possa ofuscar, mesmo que na informalidade das suas *cartas pessoais*, traços da oralidade do português, o que reconduz o foco desta análise não para a busca do oral através da escrita, mas para a caracterização da produção escrita informal de indivíduos letrados no Brasil dos séculos XIX e XX.

Considerando que este estudo se embasa em cartas pessoais de uma família culta brasileira, faz-se necessário, ainda que brevemente, refletir sobre a origem do conceito de *Carta*.

Há referências epistolares acerca do gênero textual *Carta* que recobrem o período de cinco séculos na Antiguidade (desde o século I a.C até o século IV d.C). Demétrio (entre os séculos I a.C e I d.C), Cícero (103-43 a.C), Sêneca, Filóstrato de Lemmos (séc. III d.C), Gregório Nazianzeno (c.329-c. 390) e Caio Julio Victor discutem a confecção de epístolas e definem basicamente *Carta* como um diálogo travado entre amigos.

Nas *Epistulae ad atticum* e *Epistulae ad familiares*, observa-se a preocupação de Cícero em ressaltar a aproximação entre pessoas proporcionada pela escritura de cartas.

Eu, apesar de nada ter para te escrever, ainda assim escrevo, pois parece que falo contigo.

(*Epistulae ad atticum* (12, 53) *apud* Tin (2005:21))

Eu te vi todo em tua carta.

(*Epistulae ad familiares* (2, 4, 1; 4, 13, 1; 6, 10, 4.) *apud* Tin (2005:21))

Nesse sentido, pode-se dizer que, nas cartas da família Pedreira Ferraz-Magalhães, há o diálogo mencionado por Cícero, uma vez que os missivistas *Dr. Pedreira* e *Jerônimo de Castro Abreu Magalhães*,

⁸ Segundo Celso Cunha (1985:52), “(...) a palavra *norma* costuma ser empregada em dois sentidos bem distintos: um, correspondente a uma situação objetiva e estatística, fruto da observação; outro, relacionado com uma atitude subjetiva, envolvendo um sistema de valores.”

(sogra e genro, respectivamente), no século XIX, e *Maria Rosa* (filha de *Jerônimo* e neta do *Dr. Pedreira*), na primeira metade do século XX, também entenderam a Carta como um diálogo por escrito, conforme se observa nos trechos em análise de (05) a (07).

05. “*Tal é o consaço, que me accomette, que devera já estar deitado afim de [ver] si concilio osonno e mesmo porque as 2 horas de amanha pela manhã devo estar já de pé tomando algum alimento e logo apoz descendo a serra da Tijuca, porem o desejo de escrever-te e fingir que estou conversando contigo são incentivos mais poderosos de que os meios hygienicos para eu não passar tão mal.*”

(Carta de João Pedreira do Couto Ferraz, com 51 anos, a sua filha Zélia, com 20 anos. Rio de Janeiro, 11.08.1877.)

06. “(...) *Conhecimento profundo do latim é um instrumento precioso para outros mais altos conhecimentos – Mas é tarde. Terei mais ocasiões de Contigo Conversar* Sê feliz no santo temôr de Deus. Meus respeitosos cumprimentos a meo Compadre o Senhor Padre Superior e a teus mestres e acceita a benção de teo Pae e amigo Jeronymo”

(Carta de Jerônimo de Castro Abreu Magalhães, com 46 anos, ao seu filho Jerônimo, com 16 anos. Fazenda Santa Fé, Rio de Janeiro, 19.07.1897.)

07. “*Pasei a manhã muito agradável escrevendo a Você parece que estavas aqui.*”

(Carta de Maria Rosa, com 70 anos, ao irmão Pe. Jerônimo, com 67 anos. La Plata, 01.02.1948.)

No século XII (1135), tem-se o Anônimo de Bolonha que, com rigidez e formalismo, apresenta o *Rationes dictandi* definindo carta como “*o adequado arranjo das palavras assim colocadas para expressar o sentido pretendido por seu remetente*”, conforme Tin (2005:37). Já no século XVI (1520), tem-se a síntese das tradições da epistolografia medieval e clássica com a produção de três tratados sobre a escrita de cartas por Erasmo de Rotterdam: *Breuissima maximeque compendiaria conficiendarum epistolarum formula* (também conhecida por *ars dictaminis*), *Libellus de conscribendis epistolis* e *Opus de conscribendis epistolis*. Em 1590, tem-se, sob a autoria de Justo Lúpsio, a *Epistolica institutio*: tratado sobre a produção de cartas cujo caráter pedagógico é acentuado.

O subgênero *carta pessoal*, especificidade do gênero textual *carta*, é confeccionado a partir da seguinte tríade: *autor – leitor – tema íntimo*. Admitindo, conforme Paredes Silva (1988:77), que a *carta pessoal* se estrutura internamente na *seção de contato*, no *núcleo da carta* e na *seção de despedida*, além de as noções de *quando* e de *onde* foram produzidos tais textos fazerem parte da sua composição,

legitima-se a caracterização sócio-histórica dos missivistas. Movidos pela intimidade dos temas tratados, os informantes da família Pedreira Ferraz-Magalhães podem evidenciar as formas tratamentais preferidas em sincronias passadas do PB. A conservadora edição fac-similar diplomático-interpretativa das 170 (cento e setenta) cartas (1877 – 1948), organizada por Rumeu (2008), a partir da identificação do perfil sócio-histórico dos missivistas, permitirá desvendar, tendo em vista o caráter pessoal das correspondências, aspectos rotineiros da vida cotidiana brasileira, de fins do século XIX e no alvorecer do século XX. Trata-se de um material importante para o reconhecimento da história da vida privada de uma família brasileira nascida no Rio de Janeiro que circulou da capital carioca para o interior e por outros espaços sócio-geográficos dentro e fora do Brasil. Uma família religiosa que, apesar dos deslocamentos advindos da pressão social da vida adulta, se manteve unida pelas cartas ativas e passivas trocadas entre seus membros ao longo das suas vidas. A partir dessas amostras que estarão disponíveis à comunidade científica, é possível detectar as redes sócio-familiares das quais participavam seus membros, o comportamento sociolinguístico de uma família cristã na Corte carioca e, ainda, o perfil sociocultural da mulher, principalmente a mulher religiosa, no início do período republicano num Brasil em transformação.

Acredita-se que as cartas produzidas pelas famílias Pedreira Ferraz e Castro Magalhães, representantes de uma amostra criteriosamente organizada, possam subsidiar os estudos sociolinguísticos acerca da produção escrita de brasileiros letrados que viveram em fins do século XIX e na primeira metade do século XX.

3. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

3.1 *A Mudança linguística à luz dos pressupostos variacionistas*

A intrigante contradição do Estruturalismo Saussureano é a idéia de que, para dar conta da configuração estrutural da língua, é legítima a concepção de língua como um *sistema homogêneo*, como o *domínio da invariância*, excluindo, pois, a extensão *sócio-histórica* da análise linguística. Essa incongruência da teorização de Saussure se revela através do *Paradoxo Saussureano*: como admitir que para entender o funcionamento interno da língua (*langue*) se deva atentar para a

expressão do discurso de um único indivíduo (*parole*) que, por sua vez, somente pode se dar numa situação de interação comunicativa em um dado momento histórico-social? Sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista de orientação Laboviana, voltam-se os olhares não só para a configuração interna da língua, como previa Saussure (1915), mas também para a sua configuração social, concebendo-a como um sistema movido por uma heterogeneidade ordenada cujas manifestações linguísticas variáveis podem ser descritas e analisadas nos seus níveis estrutural e social, segundo Weinreich *et al.* (1968). Visando à elucidação de incoerências nos estudos saussureanos, entende-se que a abordagem do contexto histórico se faça necessária à reconstrução da história linguística e social, conforme Weinreich *et al.* (1968) e Labov (1994), com base nas noções de Variação e Mudança como traços essenciais à estruturação interna das línguas.

Labov (1994) entende as noções de *Variação* e *Mudança* como movimentos constitutivos das línguas humanas, assumindo que a função da linguística histórica é a de detectar as diferenças entre o passado e o presente das línguas. Essa detecção pode ser obstaculizada por não ser tão simples inferir o quão o passado foi diferente do presente. Trata-se do *Paradoxo diacrônico* (*Historical paradox*) que motivou Labov a assumir o *presente* como uma realidade linguística a partir da qual se pudesse entender o *passado* das línguas. Acredita-se que o fato de a força propulsora da *mudança linguística* ter atuado no passado legitima a sua influência sobre a realidade linguística sincrônica (atual), como reflexo do princípio norteador da mudança nas línguas humanas – *The uniformitarian principle*, cf. Labov (1994).

Ao admitir que as línguas humanas sejam movidas por variação, potencial que, por sua vez, as leva a se transformar gradual e paulatinamente, como entender o seu funcionamento interno *pari passu* à implementação da mudança estrutural? A Sociolinguística Variacionista, à luz dos estudos de William Labov, passa a se preocupar em estudar a mudança linguística não somente quando já se efetivou na língua, mas também quando ainda está sob a progressão dinâmica da variação no sistema linguístico.

O estudo da mudança linguística exige que se volte o escopo da análise para a língua em distintos momentos da sua história. Nesse sentido, Paiva e Duarte (2004) preocupam-se em tecer as seguintes

questões relacionadas à composição de amostras de textos para os estudos no âmbito da sociolinguística histórica:

Se a análise diacrônica implica a reconstrução de uma ou de diversas sincronias, coloca-se o problema quantitativo e qualitativo de constituição de uma amostra e de seleção dos objetos a serem tomados como ponto de referência. Quantos e quais textos vamos utilizar para depreender as possíveis mudanças? Como avaliar a representatividade de um texto em relação a um certo recorte do tempo? Até que ponto o fenômeno específico em estudo requer a análise de *corpora* específicos? São questões com que se defrontam inevitavelmente os sociolinguistas e os pesquisadores da diacronia.

(Paiva e Duarte 2004:184).

Em relação à fidedignidade dos dados históricos que se prestem aos estudos linguísticos diacrônicos, Labov (1994) aponta alguns problemas de interpretação. São eles:

(1º) A imprevisibilidade de localização de documentos históricos.

A resistência dos documentos históricos à atuação dos efeitos do tempo é fortuita, o que leva o linguista-pesquisador a contar com o acaso para localizar textos que sirvam aos estudos linguísticos de sincronias passadas;

(2º) O baixo grau de expressividade do *vernáculo* dos escritores.

É possível que, em muitos documentos históricos, se observem os efeitos da hipercorreção, da mistura de dialetos e de erros do escriba, dificultando a identificação de legítimos traços da realidade vernacular da língua dos autores dos textos. Além disso, os documentos históricos podem comprovar as evidências negativas a serem inferidas na ausência de documentos que tenham resistido à ação do tempo;

(3º) A difícil caracterização do perfil social dos autores dos documentos históricos.

Labov também aponta como um empecilho ao trabalho com a diacronia o fato de nem sempre ser possível dispor de informações precisas acerca do perfil social dos autores dos documentos históricos, assim como não lhe é possível assegurar sobre a reconstituição da sócio-história da comunidade linguística em análise.

Na proposta a ser desenvolvida neste estudo, atentou-se, em termos metodológicos, para o resgate meticuloso do perfil sociolinguístico de cada um dos autores dos documentos, bem como o dos destinatários das cartas, tendo em vista a *idade*, o *gênero*, o *grau de parentesco*, o *nível cultural* e o tipo de *relação social* estabelecida entre os *informantes*. Entende-se também que, para dar conta de nosso objeto

de estudo, optou-se pela análise de cartas íntimas por ser um tipo de texto cujo grau de formalismo é menor, visando à estruturação de uma investigação com uma maior probabilidade de expressão de contextos linguísticos favoráveis ao aparecimento de formas de tratamento.

A depreensão do processo de implementação da mudança linguística envolve ainda o esclarecimento das seguintes questões teóricas pensadas por Weinreich *et al.* (1968): o problema das restrições (*constraints problem*) – a detecção dos fatores motivadores da mudança linguística; o problema da transição (*transition problem*) – a análise das etapas pelas quais a língua atravessa, de modo gradual e paulatino, ao se transformar; o problema do encaixamento (*embedding problem*) – a observação do ajuste da mudança nas matrizes linguística e social; o problema da avaliação (*evaluation problem*) – a apreciação do falante acerca da mudança linguística e de suas consequências na sua estrutura; o problema da implementação (*actuation problem*) – a percepção da instauração da mudança linguística a partir da seguinte indagação: por que um dado processo de mudança linguística se instaurou em período e espaço específicos e não em outros momentos e lugares da história da língua? É possível depreender *quem, quando e como* implementou a mudança?

A busca por depreender o processo de implementação da mudança linguística perpassa pelos estudos em *tempo aparente* que se põem a detectar os fenômenos linguísticos variáveis nas distintas faixas etárias dos informantes como a expressão objetiva da língua, em um dado momento histórico-social. Labov (1994) discute a possibilidade de o *estudo em tempo aparente* evidenciar apenas um processo de *variação estável*. Esta seria caracterizada pela manifestação das alternâncias de usos linguísticos que se conservam a cada geração de informantes como uma evidência de um processo de *gradação etária* não apontando, pois, para um processo de *mudança em progresso* na língua. A fim de elucidar esse impasse da análise do fenômeno linguístico como um estágio de *variação estável* (*gradação etária*) ou como a implementação da *mudança linguística* (*mudança em progresso*), Labov (1994) instiga a realização de estudos linguísticos que conjuguem os resultados das análises em *tempo aparente* com as evidências dos estudos em *tempo real*.

Os estudos em *tempo real* se caracterizam, conforme teoriza Labov (1994), como análises linguísticas em discretos períodos de

tempo (estudos de *curta duração*) e como estudos linguísticos que envolvem dilatados lapsos de séculos (estudos de *longa duração*). Ao pensar a produtividade dos estudos linguísticos em *tempo real de curta duração*, Labov conjectura duas estratégias de apreensão da dinamicidade da variação em relação a formas linguísticas alternantes em processo de mudança linguística. São elas: o estudo de painel (*panel study*) e o de tendências (*trendy study*). Enquanto este se estabelece através da comparação entre distintas amostras linguísticas de diferentes informantes pertencentes a uma mesma comunidade linguística, aquele consiste na comparação entre amostras linguísticas dos mesmos informantes em um período de tempo entre o recontato dos mesmos informantes que Labov recomenda ser de, “no mínimo, meia geração (12 anos) e, no máximo, duas gerações (cerca de 50 anos)”, cf. Labov 1981:177 *apud* Paiva e Duarte 2003:22. A confiabilidade dos estudos de painel (*panel study*) e de tendências (*trendy study*) depende da rigidez dos critérios de composição da amostra de dados e dos métodos (entrevistas, questionários, tipos de textos) a serem aplicados às análises linguísticas em distintos momentos. Isso quer dizer que tanto no recontato dos informantes (estudo de painel), quanto na análise do comportamento linguístico de distintas amostras de distintos informantes da mesma comunidade linguística (estudo de tendências), é preciso utilizar os mesmos critérios de seleção dos informantes e das mesmas condições metodológicas de constituição das amostras.

3.2 A variação e a mudança linguística em tempo real de curta duração: os estudos de painel e de tendências aplicados a análises diacrônicas.

A interpretação dos dados em *tempo real de curta duração*, tanto no estudo de painel, como no estudo de tendências, requer a observação do comportamento linguístico do informante em relação ao comportamento da comunidade. Assim sendo, Labov (1994:83), ao combinar as possibilidades de conduta linguística dos informantes, propõe, como se observa no quadro 01, padrões de mudança relacionados ao indivíduo e à comunidade.

Padrões de Mudança Linguística no Indivíduo e na Comunidade	Indivíduo	Comunidade
1. Estabilidade	Estável	Estável
2. Gradação Etária	Instável	Estável
3. Mudança Geracional	Estável	Instável
4. Mudança Comunitária	Instável	Instável

Quadro 01: Padrões de *mudança linguística* no indivíduo e na comunidade, conforme Labov (1994:83).

Os padrões 1 e 2 de mudança linguística no indivíduo e na comunidade conjecturados por Labov (1994) não evidenciam circunstâncias de implementação da mudança linguística. No primeiro padrão, tem-se uma situação de *estabilidade* na qual tanto o informante, quanto a comunidade se mostram estáveis. Não há, segundo Labov (1994:83), a expressão “da variação a ser analisada (...), há uma situação de estabilidade, de invariância, de homogeneidade”. Já no segundo padrão, observa-se uma situação de *gradação etária* caracterizada pelo comportamento *instável* do informante na passagem por diferentes estágios etários da sua experiência linguística frente a uma situação de *estabilidade* no interior da comunidade linguística.

Segundo Labov (1994:84), “a terceira e a quarta combinações não são tão transparentes”. A *mudança geracional* (3º padrão) é marcada pela instabilidade da comunidade linguística face ao comportamento linguístico estável do falante no decorrer de sua vida. Acréscimos progressivos nos valores das frequências de uso de uma determinada variável são desenvolvidos pelas gerações, o que leva a uma mudança linguística no interior da comunidade. Trata-se de um típico padrão das mudanças fonéticas e morfológicas. Ainda sob a orientação Laboviana, a *mudança comunitária* (4º padrão) se dá quando todos os membros da comunidade alteram as frequências de uso de uma dada variável linguística ou quando adquirem simultaneamente novas formas linguísticas. Esse processo de mudança linguística é comum em relação ao processo de mudança lexical, conforme atestado por Payne (1976 *apud* Labov 1994) em seu estudo na comunidade linguística da Filadélfia. Também a *mudança comunitária* foi atestada como um padrão básico de mudança sintática por Sankoff e Brown (1976 *apud* Labov 1994) e por Arnaud (1980 *apud* Labov 1994).

Apesar de os padrões de mudança idealizados por William Labov se prestarem a respaldar, com um maior grau de confiabilidade, o caráter científico das análises linguísticas, até mesmo Labov (1994) mostra-se consciente da relativa aplicabilidade de tais critérios de depreensão da mudança linguística no indivíduo e na comunidade em virtude da constituição diversificada, heterogênea e multifacetada da língua. Assim sendo, Labov indaga como esses padrões de mudança linguística (*estabilidade*, *gradação etária*, *mudança geracional* e *mudança comunitária*) relacionam-se com as análises linguísticas em *tempo aparente* e em *tempo real*. Segundo o autor, a partir do estudo exclusivo de painel *não* será possível, por exemplo, identificar se se trata de um processo de *gradação etária* ou de *mudança comunitária*, pois, nos dois padrões de mudança, o indivíduo é instável. Somente a análise da comunidade poderá resolver o impasse, já que, na *gradação etária*, a comunidade é estável e, na *mudança comunitária*, a comunidade teria comportamento instável.

O estudo de tendências permite identificar a *performance* da comunidade linguística, mas não dá informações sobre o comportamento linguístico dos informantes em outros momentos específicos da sua experiência linguística e da história da língua.

Com base na relativa fragilidade das estratégias de depreensão da progressão da mudança linguística em tempo real, quer através do estudo de painel (*panel study*), quer através do estudo de tendências (*trendy study*), propõe Labov a conjugação desses dois tipos de estudos em *tempo real* de curta duração (estudo comparativo entre fases discretas de tempo) com os em *tempo aparente* (estudo comparativo distribuído por níveis etários).

Gillian Sankoff, no artigo intitulado *Age: apparent time and real time*, propõe uma releitura dos quatro padrões de mudança linguística propostos por Labov (1994), ao sugerir uma reanálise, sobretudo, do segundo e terceiro padrões de mudança linguística: *gradação etária* e *mudança geracional* (*tempo aparente*), respectivamente. A adaptação feita por Sankoff (2006) aos padrões de mudança propostos por Labov (1994), como pode ser visto no quadro 02 a seguir exposto, leva em conta que aumentos progressivos nas *faixas etárias* constituem um importante fator para a depreensão da mudança em progresso nas línguas humanas. Observe-se a primeira coluna do quadro 02:

Padrões Sincrônicos	Interpretação	INDIVÍDUO	COMUNIDADE
Catagórico	1. ESTABILIDADE	Estável	Estável
Aumento ou decréscimo regulares de acordo com o <u>fator idade</u>	2. GRADAÇÃO ETÁRIA	Instável	Estável
Aumento ou decréscimo regulares de acordo com o <u>fator idade</u>	3. MUDANÇA GERACIONAL <i>(TEMPO APARENTE)</i>	Estável	Instável
Catagórico	4. MUDANÇA COMUNITÁRIA	Instável	Instável

Quadro 02: Padrões de mudança no indivíduo e na comunidade adaptados de Labov (1994:83) por Sankoff (2006:05).

Segundo Sankoff (2006), distribuições etárias gradientes podem ser interpretadas como um processo não categoricamente deflagrador de mudança linguística, mas de *gradação etária*. A correlação entre *gradação etária* e *mudança geracional (tempo aparente)* parece evidenciar dois diferentes comportamentos linguísticos:

- (1º) Se a mudança está em progresso, os falantes mais velhos, à medida que envelhecem, tendem a mudar os seus comportamentos linguísticos em direção à implementação da mudança;
- (2º) Com variáveis linguísticas estáveis é possível haver um padrão curvilíneo co-indexado com o fator *idade*, assim como com a *classe social*. Entende-se que os *adultos* já inseridos no mercado de trabalho podem evidenciar uma maior produtividade da *variante padrão* que os informantes idosos e jovens.

Com o intuito de depreender essas duas possibilidades interpretativas, Sankoff sugere que se voltem os olhares para o exame da história da língua através da análise em tempo real. Acredita-se que os estudos longitudinais como *painel* e *tendências* pensados por Labov (1994) possam esclarecer a relação entre o fator *idade*, e as noções de *tempo aparente* e de *tempo real*. Admite-se que aumentos progressivos na frequência de uso de uma dada variável linguística em análise, tanto no nível do indivíduo, quanto no nível da comunidade sejam essenciais para a implementação da mudança. Assim sendo, Sankoff prevê quatro possibilidades interpretativas para os resultados dos estudos em *tempo real*. São elas:

(1^a) A repetição de um padrão linguístico peculiar a uma determinada *faixa etária* pode ser explicada como um estático processo de *gradação etária*;

(2^a) O recorrente processo de *gradação etária* até o mais alto nível da mudança pode ser entendido como *mudança linguística em tempo real*;

(3^a) A *instabilidade* elevada ao seu mais alto grau assumida por todos os grupos etários pode ser interpretada como a última fase da implementação da mudança linguística em progresso;

(4^a) A direção da mudança pode ser revertida como resultado de um processo de estigmatização vindo de cima, isto é, alavancado por pressões sociais.

Sankoff também admite que a combinação do *estudo de tendências* com o de *painel* ratifica a relevância do conceito de *tempo aparente* para a apreensão da mudança em progresso na língua.

O caráter inovador deste trabalho está na elaboração de uma proposta metodológica para o estudo de *painel* (*panel study*) nos moldes Labovianos que se aplique à análise de sincronias passadas: *cartas pessoais oitocentistas e novecentistas*. Tentou-se aplicar, é claro, a noção de estudo de tendências (*trendy study*), sob a inspiração Laboviana, a textos escritos em sincronias passadas do PB, mas não se conseguiu equilibrar a amostra com cartas pessoais confeccionadas por distintos informantes cultos (homens e mulheres), representantes da comunidade linguística, que tivessem produzido regularmente cartas pessoais em fases distintas da mesma sincronia em análise (século XX). Assim sendo, restringiu-se esta análise variacionista das formas *Tu* e *Você* ao estudo de *painel* (*panel study*) e ao estudo em tempo aparente (*apparent time*), nos moldes Labovianos, em sincronias passadas do PB (fins do séc. XIX e primeira metade do século XX). Entretanto, neste texto, o foco da análise recairá sobre os resultados pertinentes ao estudo de *painel* voltado para sincronias passadas do PB.

Outra questão pertinente postulada como uma das hipóteses deste estudo é tentar explicar o maior emprego de *Você* na produção escrita de mulheres brasileiras em fins do XIX e início do XX. Teriam sido as mulheres as propulsoras da implementação de *Você* no PB? Qualquer resposta definitiva a tal pergunta poderia ser considerada redutora ou demasiadamente simplista, entretanto, cabe examinar, na seção seguinte, os resultados do estudo de *painel* de oito missivistas da família Pedreira Ferraz-Magalhães ao longo de suas vidas.

A análise da expressão (nula ou plena) das formas *Tu* e *Você* como sujeitos pronominais se dá com base em uma amostra composta por cento e setenta (170) cartas familiares trocadas entre os membros de uma mesma família: a família Pedreira Ferraz-Magalhães. Trata-se de cartas seguramente produzidas por brasileiros cultos cujos perfis sociais foram devidamente levantados por Rumeu (2008) a fim de que se possa assegurar que a *pena* com a qual se escreveram tais cartas, em fins do século XIX e na 1ª metade do XX, historiou fidedignamente a face brasileira do português. A codificação e a organização dos dados tiveram como modelo as orientações instrumentais da pesquisa sociolinguística quantitativa de base Laboviana, cf. Paiva e Duarte (2003), Mollica e Braga (2004), Guy e Zilles (2007).

4. O ESTUDO DE PAINEL DOS HOMENS E DAS MULHERES DA FAMÍLIA PEDREIRA FERRAZ-MAGALHÃES.

Considerando que este estudo visa à apreensão da variação entre *Tu* e *Você* como estratégias de referência ao interlocutor e à compreensão do processo de inserção do *Você* no quadro pronominal do PB, entende-se que se faça necessário focar o comportamento linguístico do indivíduo em distintos momentos da sua trajetória de vida, visando desvelar a progressão da mudança linguística.

O estudo de painel dos missivistas do gênero masculino *Dr. Pedreira, Fernando e Jerônimo* os evidenciou como informantes que selecionaram o *Tu* pronominal para a referência ao sujeito de segunda pessoa do discurso, como é possível observar no gráfico 01.

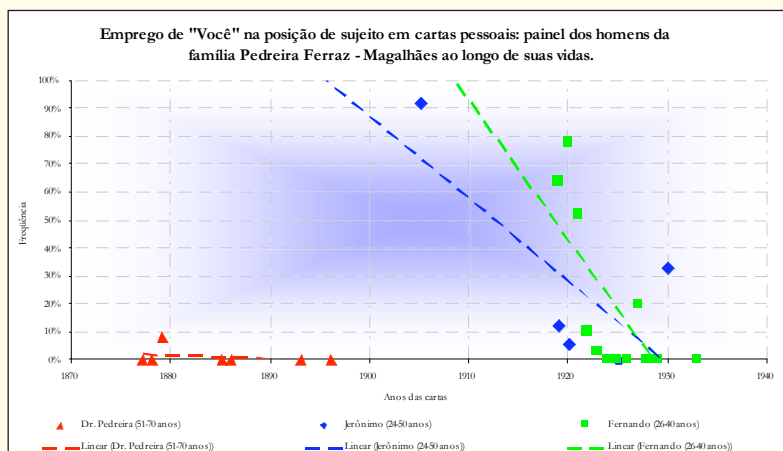


Gráfico 01: Emprego de “Você” na posição de sujeito em cartas pessoais: painel dos homens da família Pedreira Ferraz-Magalhães ao longo de suas vidas.

Com base na dispersão do comportamento dos *homens* da família Pedreira Ferraz-Magalhães (cf. gráfico 01), observa-se uma maior produtividade de *Você* entre os anos de 1900 e 1920 nas cartas dos dois mais jovens. Nesse período, os irmãos *Fernando* e *Pe. Jerônimo*, que, na maior parte das vezes, preferiram o *Tu* em suas missivas, mostraram-se, quando jovens, mais propensos a empregar o *Você*, como se observa em (09) e (10). O idoso *Dr. Pedreira*, com um baixíssimo nível de aplicação do *Você* nas suas cartas, mostrou-se, em fins do XIX, propenso a deter o avanço da direção histórica da mudança linguística que, por sua vez, sugere a inserção do *Você* como um pronome de segunda pessoa do discurso, como se constata em (08). A linha descendente delineada no gráfico de dispersão aponta para a diminuição do uso de *Você* nos anos 20-30 entre os homens da família Pedreira Ferraz-Magalhães.

08. “Escrevo te para contar te que fiz bôa viagem e achei todos com saúde, tendo noticias do Zuzú. Bem desejo que continues a passar bem de tua dupla existencia, referindo me ao teu marido e tríplice pelo fructo abençoado e proximo do teu feliz consorcio. (...) Convem que Vocês d’ahi escrevão cartas a elle comprimentando pelo seu anniversario.”

(Carta do Dr. Pedreira, com 51 anos, missivista IDOSO, a filha Zélia, com 20 anos. Rio de Janeiro, 05.02.1877.)

09. “*Que alegria quando eu voltar Padre para o Brasil, não é? Mamãe, Papae Pedreira, todos ficarão contentíssimos, não achas? Eu penso que você deve ajudar minha 1ª Missa junto com Bebê.*”

(Carta de Jerônimo, com 24 anos, missivista JOVEM, ao irmão Fernando, com 12 anos. Paris, 15.10.1905.)

10. “*(...) Soube por meio de tia Mimi, residente por algum tempo aqui em Friburgo, que você virá para as férias.*”

(Carta de Fernando, com 26 anos, missivista JOVEM, ao irmão Jerônimo, com 38 anos. Rio de Janeiro, Friburgo, 06.11.1919.)

O Dr. Pedreira mostrou, em um intervalo temporal de dezenove anos, um comportamento linguístico *estável* voltado para a preferência pelo *Tu* pronominal, ao fazer referência aos filhos. Seguindo esse comportamento linguístico, vêm os seus netos, os informantes *Fernando e Pe. Jerônimo* que, em lapsos temporais de quatorze e vinte e seis anos, respectivamente, demonstrando *estabilidade* linguística no que se refere ao uso das formas *Tu* e *Você* para tratar os irmãos. Ao preferirem o *Tu*, na fase adulta, os homens da família Pedreira Ferraz-Magalhães sugerem um movimento voltado para a retenção da direção histórica da mudança linguística com o menor emprego do inovador *Você* nas missivas em análise.

O gráfico de dispersão relativo às mulheres da mesma família Pedreira Ferraz-Magalhães projeta comportamento oposto: ascensão contínua do traçado relativo à forma *Você* entre os anos de 1925 a 1945.

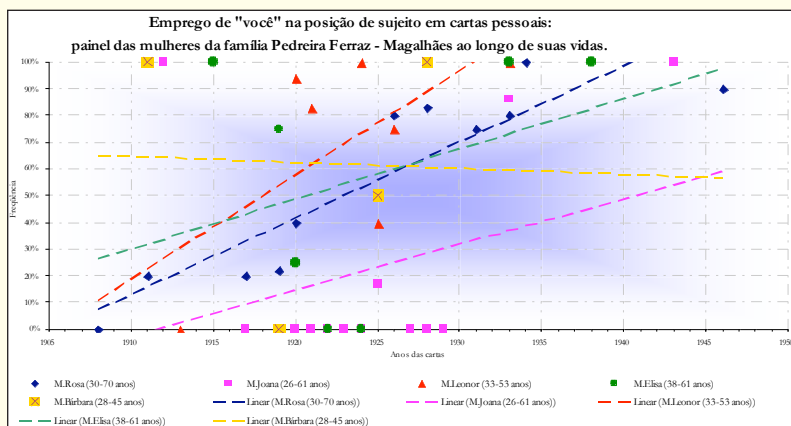


Gráfico 02: Emprego de “Você” na posição de sujeito em cartas pessoais: painel das mulheres da família Pedreira Ferraz-Magalhães ao longo de suas vidas.

A partir da análise do gráfico 02, observa-se que a produtividade variável do *Você* como sujeito de segunda pessoa do discurso parece sinalizar que a sua implementação se deu, de modo mais transparente, a partir do segundo quartel do século XX (entre os anos 20 e 30), nas cartas pessoais femininas dos Pedreira Ferraz-Magalhães. Com relação ao encaixamento dessa mudança linguística em progresso na matriz social (*embedding problem*), entende-se que o *inovadorismo* das *mulheres* parece ter impulsionado o processo de mudança em progresso na língua, ao elegerem o *Você* como estratégia de referência ao interlocutor no PB.

Há de se considerar, contudo, um comportamento diferenciado entre as mulheres da família. Verificou-se que quatro delas mostraram-se *instáveis* (*Maria Bárbara*, *Maria Elisa*, *Maria Joana* e *Maria Rosa*) e somente uma mulher mostrou-se *estável* (*Maria Leonor*) no que se refere ao emprego das formas *Tu* e *Você*. Em relação ao grupo de mulheres *instáveis*, constatou-se que duas delas preferiram o inovador *Você* (*Maria Bárbara* e *Maria Rosa*) e as outras duas adotaram o conservador *Tu* (*Maria Joana* e *Maria Elisa*) nas cartas em análise. A informante *Maria Leonor*, por sua vez, delineou uma curva de *estabilidade* em relação a sua preferência pelo inovador *Você*. As mulheres *Maria Bárbara*, *Maria Rosa* e *Maria Leonor* ao elegerem o *Você* para se referirem aos irmãos, parecem se conduzir a favor da direção histórica da mudança linguística: a implementação do *Você* no quadro pronominal do PB.

Uma visão panorâmica do comportamento das mulheres no decorrer de suas vidas, conforme o gráfico 02, evidencia o período dos anos 30 do século XX como o momento em que as informantes idosas *Maria Elisa*, *Maria Joana*, *Maria Leonor* e *Maria Rosa* alavancam o emprego do *Você* nas cartas em análise. A adulta *Maria Bárbara*, entre os anos 25 e 30 do século XX, prefere o *Você* para tratar os irmãos na intimidade das cartas em análise, como se nota em (11). Na verdade, observa-se que as jovens *Bárbara* e *Joana* utilizam categoricamente o *Você*, ao se referirem aos irmãos, como se verifica, em (12) e (13), respectivamente. Na fase adulta, observa-se que tais informantes oscilam entre o *Tu* e o *Você*, ao passo que, na velhice, *Maria Elisa*, *Maria Joana*, *Maria Leonor* e *Maria Rosa* voltam-se ao uso do *Você*, como se constata de (14) a (17). Confirma-se a hipótese de Labov (1990) de que, nos processos de mudança, as mulheres impulsionam

a produtividade das variantes *não padrão*, o que permite entendê-las como *inovadoras*. Embora a forma *Você* represente a forma “invasora”, “inovadora” que passa a concorrer com o *Tu* no quadro pronominal do PB, é uma forma de prestígio, deixando de figurar, no Novecentos, como uma forma exclusiva da elite tratar a própria elite, conforme Soto ([2001] 2007), Lopes e Machado (2005), Lopes (2009), espalhando o seu campo funcional por toda a comunidade linguística, desvinculada de estigmatização social.

11. “Não vale a pena eu escrever ao Senhor Padre Yábar, pois elle disse-me que está prompto para escrever o que você quizer, você é que deve escrever-lhe dizendo o que quer ou sobre o que quer que elle escreva, sua direção é Igreja do Bom Jesus - Itú.”

(Carta de Maria Bárbara, com 43 anos, missivista ADULTA, ao irmão. São Paulo, 19.04.1926.)

12. “Temos a mesma missão querido Irmão a de salvar almas eu aqui dentro de meu amado claustro e você pelo mundo inteiro aonde a obediência lhe mandar, que missão tão sublime!!! não é? (...) Soube que tem tenção de pedir para mudar de casa ~~pe~~la por te achar peor dos ouvidos; se quer meu parecer, não pessa isto pois o melhor é nada pedir e nada recusar;”

(Carta de Maria Bárbara, com 28 anos, missivista JOVEM, ao irmão Jerônimo, com 30 anos. São Paulo, 25.06.1911.)

13. “Então, como se decidiu logo a sua partida! irá até ao Pará? Eu escrevo a Isa, pelas Irmãs nossas que vão no mesmo vapor que Você e das quaes uma vae até ao Pará. Peço a Nosso Senhor que Você faça muito boa viagem ... poderá celebrar a bordo?”

(Carta de Maria Joana, com 26 anos, missivista JOVEM, ao irmão. 16.01.1912.)

14. ” [espaço] Adeus, meu Jeronymo; [espaço] A Superiora da Santa Casa não é Almeida Magalhães como lhe disse em minha ultima carta; é Magalhães Barbalho, conhecida em Barbacena por Irmã Helena. Quando me escrever diga-me si Você a conhece, sim? e mande-lhe um pequeno conforto na cruz que carrega;”

(Carta de Maria Elisa, com 56 anos, missivista IDOSA, a Jerônimo, com 52 anos. Rio de Janeiro, Friburgo, 07.02.1933.)

15. “Bem, meu irmão, gostaria que Você me escrevesse 1 vez por mês, agora que o podemos fazer confidencialmente, aceita?” – Qualquer coisa a Provincial resolva sôbre mim, Você saberá logo.”

(Carta de Maria Joana, com 60 anos, missivista IDOSA, ao irmão Pe. Jerônimo, com 65 anos. Bahia, 18.08.1946.)

16. “Eu vou indo, bastante constipada, é coisa passageira. Á Reverenda Madre Provincial tem vindo me ver. Que contente em Você estar em Nova Friburgo e Nene estará em São Paulo?”

(Carta de Maria Leonor, com 53 anos, missivista IDOSA, a irmã Maria Elisa, com 56 anos. Tamarineira, Pernambuco, 07.03.1933.)

17. “Já chegou o Padre Cerialo perguntou por Você Nossa Madre te manda lembranças o mesmo Irmã Maria Rosa - e Irmã Maria Agustinha, (a do galinheiro) Quando acabaram as hostias que Você consagrou, não pude deixar de chorar - por ahi Você vê minha amizade por meu irmão. Recebe lembranças de Don Oreste Dona Agusta e do pobre quintero Don Juan. Quando visite o tumulto de nossa santa mãe não te esqueças de pedir pelas minhas intenções.”

(Carta de Maria Rosa, com 70 anos, missivista IDOSA, ao irmão Jerônimo, com 67 anos. La Plata, 01.02.1948.)

A análise do painel das mulheres da família Pedreira Ferraz-Magalhães sugere-as mais dinâmicas que os homens na condução da mudança linguística em direção à inserção do *Você* no quadro pronominal, assim como constatou Lopes (1993, 2003) e Zilles (2005) em relação ao papel das mulheres na implementação do inovador *a gente* no sistema pronominal do PB. Raumolin-Brunberg (2005), ao estudar a difusão, pela população da Inglaterra, do uso do pronome objeto de segunda pessoa *You* na função de sujeito, entre os séculos XIV e XVIII (1350 -1710), constatou que as mulheres conduziram a mudança linguística vinda de baixo (*change from bellow*). Tal resultado se evidenciou em consonância com a constatação Laboviana (1990) de que, em processos de mudança linguística de baixo (*change from bellow*), as mulheres estão mais propensas a empregar as formas inovadoras que os homens. Em estudo de painel aplicado para o Finlandês, em um lapso temporal superior a dez anos, Nahkola; Saanilahti (2004) também observaram que as mulheres foram as responsáveis pela condução da maior parte das mudanças em curso na língua.

Tendo em vista tais resultados, há que se responder à seguinte questão: qual(is) foi(ram) a(s) motivação(ões) social(is) para a implementação do inovador *Você* no discurso feminino escrito informal das mulheres dessa família brasileira?

Labov ([1972] 2008:347-348), ao pensar os padrões sociolinguísticos, admite que, na verdade, a distinção sexual está correlacionada com o tipo de interação social estabelecida entre os falantes no cotidiano linguístico.

Seria um grave erro formular o princípio geral de que as mulheres sempre lideraram o curso da mudança linguística. A centralização de /ay/ e /aw/ em Martha's Vineyard foi encontrada principalmente em falantes masculinos; as mulheres aqui mostraram uma tendência muito mais fraca. (...) A generalização correta, então, não é a de que as mulheres lideraram a mudança linguística, mas sim que a diferenciação sexual da fala frequentemente desempenha um papel importante no mecanismo da evolução linguística. (...) A diferenciação sexual com que estamos lidando depende claramente de padrões de interação social na vida diária.
Labov ([1972] 2008:347-348)

Em consonância com o pensamento Laboviano, apresenta-se a perspectiva de Fernández (1998:38), segundo a qual a análise da motivação para as mulheres se mostrarem mais sensíveis à norma padrão requer que se separe a noção de *sexo* da concepção de *gênero sociocultural*. O autor questiona:

Mas de onde nasce essa tendência feminina de seguir os modelos de prestígio? Por que em muitas culturas se espera que a mulher ajuste sua conduta sociolinguística a um cânone ou às referências de prestígio? Por que os usos linguísticos que se consideram característicos das mulheres ou dos homens têm a ver diretamente com o seguimento ou o abandono de uma norma? A maior parte das respostas que se têm dado a estas questões tem a ver com uma interpretação sociocultural do sexo, quer dizer, estão relacionadas com o que na bibliografia anglo-saxã se chama ‘gênero’, que por sua vez em nada coincide com o conceito de “gênero” como gênero gramatical. O gênero sociocultural se opõe ao sexo tanto quanto o sexo é uma característica biológica que é dada praticamente desde o momento da concepção do novo ser, enquanto o gênero assume uma dimensão sociocultural que o indivíduo adquire ao ser socializado. Tais conceitos, todavia, têm limites confusíssimos e contaminados de problemas, dado que o sexo mesmo é parte indissociável do gênero.⁹

(Fernández 1998:38)

Assim sendo, a resposta à indagação acerca da motivação social para as mulheres da família Pedreira Ferraz-Magalhães terem

⁹ “Pero, ¿de dónde nace esa tendencia femenina a seguir los modelos de prestigio? ¿Por qué en muchas culturas se espera que la mujer ajuste su conducta sociolingüística a un canon o unos referentes de prestigio? ¿Por qué los usos lingüísticos que se consideran característicos de las mujeres o de los hombres tienen que ver directamente con el seguimiento o el abandono de una norma? La mayor parte de las respuestas que se han dado a estas cuestiones tienen que ver con una interpretación sociocultural del sexo, es decir, están relacionadas con lo que en la bibliografía anglo-sajona se llama *gender* ‘gênero’, que a su vez en nada coincide con el concepto de “gênero” como categoría gramatical. El género sociocultural se opone al sexo en tanto en cuanto el sexo es una característica biológica que viene dada prácticamente desde el momento de la concepción del nuevo ser, mientras el género es una dimensión sociocultural que el individuo adquiere al ser socializado. Tales conceptos, sin embargo, tienen unos límites borrosísimos y plagados de problemas, dado que el sexo mismo es parte insoslayable del género.” (Fernández 1998:38)

implementado o *Você* passa pela diferenciação entre *sexo* e *gênero sociocultural*, isto é, passa pela compreensão do perfil sócio-histórico da mulher no Brasil oitocentista e novecentista.

Nesse sentido, observou-se que, em fins do século XIX e na primeira metade do século XX, apesar de a mulher resguardar uma incondicional subserviência à estrutura de família patriarcal, cabe a ela instaurar a harmonia de um lar cristão, principalmente no grupo em questão. Considerando, em termos linguísticos, a responsabilidade de a mulher-mãe da elite brasileira ensinar aos filhos as primeiras letras, impõe-se a ela um comportamento educativo voltado para o recato. Assim sendo, a preferência pelo emprego do *Você*, nas cartas trocadas entre os irmãos da família Pedreira Ferraz-Magalhães, se dá como uma estratégia mais neutra, ou seja, como uma forma menos invasiva de fazer referência ao interlocutor. Uma vez que a história da mulher – ao menos nesse período analisado – é marcada pela sua subserviência ao homem, sendo a ela negado o direito de expressão de suas próprias idéias, a opção pelo *Você* é condizente com esse perfil social de submissão, isto é, “com uma conduta específica”, nos termos de Chambers e Trudgill (1980 *apud* Fernández 1998), voltada para o recato da subordinação a uma estrutura familiar patriarcal mais acentuada até o século XIX, conforme Samara (2004).

Chambers y Trudgill, com um critério que parte do conceito sociocultural de gênero, explicam a tendência de as mulheres seguirem os modelos de prestígio mediante aos seguintes argumentos: a falta de um lugar destacado na sociedade leva as mulheres a necessitarem marcar seu status social mediante uma conduta específica; por outro lado, a falta de coesão das mulheres nas redes sociais as obriga a deparar-se mais frequentemente com situações de formalidade, isto é, o lugar do homem nos intercâmbios sociais permite que considerem como de escassa formalidade muitas situações que as mulheres interpretam como mais formais; finalmente, a educação pode levar as mulheres a desempenhar o que se considera <<sua>> função social seguindo umas normas de conduta socialmente aceitas.¹⁰ (Chambers e Trudgill (1980) *apud* Fernández 1998:38-39.)

¹⁰ *Chambers y Trudgill, con un criterio que parte del concepto sociocultural de género, explican la tendencia de las mujeres a seguir los modelos de prestigio mediante los razonamientos siguientes: la falta de un lugar destacado en la sociedad hace que las mujeres necesiten marcar su estatus social mediante una conducta específica; por otra parte, la falta de cohesión de las mujeres en las redes sociales las obliga a enfrentarse más a menudo a situaciones de formalidad, esto es, el lugar del hombre en los intercambios sociales permite que consideren como de escasa formalidad muchas situaciones que las mujeres interpretan como más formales; finalmente, la educación suele llevar a las mujeres a desempeñar lo que se considera <<su>> función social siguiendo unas normas de conducta socialmente aceptadas.*” (Chambers e Trudgill (1980) *apud* Fernández, 1998:38-39.)

Ainda há outros aspectos a considerar no que se refere ao valor social que uma forma de tratamento pode assumir em determinado contexto discursivo, cultural e histórico. Koch (2008:59-60) discute que há procedimentos linguísticos de tratamento indireto que se opõem ao *direto* e *invasivo Tu* pronominal. Trata-se da *pluralização pronominal* que, na língua portuguesa, se constituiu com o *indireto Vós* (plural majestático, cf. Cintra 1972) e com o *tratamento nominal abstrato* que, com base em um *pronome possessivo* aliado a um *substantivo*, se refere *indiretamente* ao interlocutor, invocando-o como uma entidade abstrata. Nesse sentido, é possível entender que a mulher da família Pedreira Ferraz-Magalhães tende a optar, nas cartas íntimas em estudo, pelo *Você* cujo grau de indiretividade é maior que o do íntimo *Tu*. Considerando o fato de o *Você* ser resultado do processo lento e gradual de pronominalização de *Vossa Mercê*, é possível admitir que tenha herdado de tal ‘forma nominal abstrata’ um grau de indiretividade. Ainda que, nas cartas pessoais trocadas entre irmãos, prevaleça o tom de intimidade com o *direto Tu*, as mulheres mostram-se mais propensas que os homens a empregar o inovador *Você*, movidas por uma espécie de “*recato*” linguístico que não as licenciava tratar o interlocutor com um *Tu* íntimo, muito mais invasivo, portanto, que o *Você*. Carboni e Maestri (2003), ao pensarem a expressão do gênero feminino nas línguas humanas, entendem-no com base no contexto sócio-histórico que o determina.

Na maioria das línguas, o gênero feminino dissolve-se por detrás do masculino, expressando ideologicamente a ocultação patriarcal objetiva da mulher pelo homem. Assim, naturalizado no uso costumeiro, o conceito linguístico, por meio do caráter aparentemente abrangente, sintético e neutro do gênero masculino, impõe sua essência social, reforçando as relações de dominação patriarcal do mundo real. (Carboni e Maestri, 2003:61.)

Em termos linguísticos, o fato de a figura feminina estar encoberta pela masculina é traduzido no *Paradoxo do Gênero* pensado por Wolfram and Schilling-Estes (1998) *apud* Labov (2001:367): se, por um lado, as mulheres mostram-se mais conservadoras que os homens, por preferirem a variante padrão, por outro lado, mostram-se mais avançadas, por adotarem, mais rapidamente, a variante inovadora, que pode ou não corresponder à variante “não-padrão”. Ao propor a resolução do *Paradoxo do Gênero*, Labov (2001:367) o restabelece como o *Paradoxo da Conformidade*: as mulheres evidenciam um

comportamento linguístico menos desviante que os homens em relação ao cumprimento da norma padrão, caso o desvio seja seriamente condenado. Entretanto, as mulheres mostram-se mais desviantes que os homens no que se refere ao exercício da norma padrão, quando a irregularidade não é gramaticalmente rechaçada (*estigmatizada*) pela comunidade linguística.

Por um lado, a mulher da família Pedreira Ferraz-Magalhães marcou a sua conduta linguística de submissão, ao empregar mais o *Você* que os homens como uma estratégia de tratar o interlocutor de modo mais monitorado e menos expressivo, em conformidade com os traços de [+ monitoramento], [- expressividade] atribuídos à forma *Você* por Modesto (2006) na análise sincrônica da fala santista. Por outro lado, ao eleger uma forma nova (*Você*), advinda de uma estratégia de prestígio (*Vossa Mercê*), conforme Cintra (1972), a mulher assumiu uma postura inovadora. O empreendedorismo linguístico das mulheres está no fato de selecionarem uma forma que se inseriu *a posteriori* no quadro pronominal do PB como resultado de um processo gradual e paulatino de uma *mudança linguística de cima para baixo* (*change from above*, cf. Labov 1994). Labov, ao se questionar sobre o porquê as mulheres serem mais sensíveis às formas de prestígio, chega à seguinte conclusão sobre o papel da mulher nos processos de mudança linguística.

Por que as mulheres fazem isso? Não pode ser apenas a sua sensibilidade às formas de prestígio, já que isso explica somente metade do padrão. Podemos dizer que elas são mais sensíveis aos padrões de prestígio, mas por que, desde o início, elas avançam mais rápido em primeiro lugar? Nossas respostas no momento não passam de especulações, mas é óbvio que tal comportamento das mulheres deve desempenhar um importante papel no mecanismo da mudança linguística. Na medida em que os pais influenciam a língua inicial das crianças, as mulheres influenciam mais ainda; as mulheres certamente conversam mais do que os homens com as criancinhas e têm uma influência mais direta durante os anos em que as crianças estão formando regras linguísticas com maior rapidez e eficácia. Parece provável que o ritmo do progresso e a direção da mudança linguística devem muito à especial sensibilidade das mulheres a todo o processo.

(Labov [1972] 2008:347.)

Assim sendo, é interessante constatar que, em diálogo com Callou e Serra (2007:462), a mulher brasileira, cuja história de formação é permeada pela exclusão ao conhecimento (ao *saber* veiculado através do ensino formal), assume, no seio da família Pedreira Ferraz-Magalhães,

uma postura inovadora, ao implementar o *Você* no quadro pronominal do PB por volta dos anos 30 do século XX.

(...) não se pode deixar de relacionar a história linguística à história social. Três fatores devem ser observados, de início, mais de perto: (...) O terceiro é o de o primeiro contato do indivíduo com a língua se dar no âmbito familiar e o de as mulheres serem, de um lado, em geral, segundo Labov (2001), as transmissoras das mudanças linguísticas e, por outro lado, terem ficado durante muito tempo afastadas do sistema educacional regular.

Callou e Serra (2007:461-462).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

As histórias das línguas, como objetos disponíveis ou criados pelos linguistas são, segundo Lass (1997:5), como todas as histórias, mitos. Mito no sentido de, por um lado, haver registros de fatos em documentos das várias fases da nossa história e, conseqüentemente, da língua que supostamente refletem, mas, por outro, de não haver condições de saber exatamente o que significam a não ser indiretamente, por meio de uma interpretação.

(Callou 2002:282.)

As cartas íntimas trocadas entre os entes da família Pedreira Ferraz-Magalhães constituem, indubitavelmente, uma preciosa amostra da produção escrita de brasileiros cultos, em fins do século XIX e na primeira metade do século XX. Com base neste conjunto de cartas bem controlado em relação *ao quando, ao onde, ao quem e ao para quem* foram redigidas as missivas em análise (cf. Lobo 2001), investigou-se, neste estudo, o processo de inserção do *Você* no quadro pronominal do PB, buscando desvendar um pouco mais sobre a sua história de pronominalização e o seu nível de coexistência com o *Tu*. Com esses propósitos, ainda que consciente de que a projeção da história de pronominalização do *Você* no PB aponta para uma possibilidade interpretativa como a contemplação de um *mito* nos termos de Lass (cf. Lass 1997:05 *apud* Callou 2002:282), passa-se à exposição dos principais resultados em função da retomada dos questionamentos iniciais que nortearam esta investigação.

(1º) Considerando que Rumeu (2004) detecta, em cartas setecentistas e oitocentistas, um *Você* híbrido, busca-se responder à seguinte questão: em que estágio do processo de pronominalização se encontra o inovador *Você* no PB de fins do século XIX e da primeira metade do século XX, *transition problem*, segundo Weinreich *et al.* (1968)?

O estudo da variação entre as formas relacionadas à P2 (*Tu*) e P3 (*Você*) evidenciou a presença predominante de formas de *Tu*, em 67% dos dados, em coexistência com formas relacionadas a *Você* (33%), nas cartas trocadas entre os entes da família Pedreira Ferraz-Magalhães. A entrada de *Você* no quadro de pronomes acabou configurando a formação de um paradigma pronominal supletivo (ou fusão de paradigmas) que se faz perceber desde fins do século XIX. *Você* se instalou mais rapidamente na posição de sujeito, preferencialmente preenchido, e como pronome complemento preposicionado (*por você*, *de você*). Entretanto, identificaram-se alguns contextos de resistência da antiga forma *Tu*, que se mantém produtiva como pronome complemento não-preposicionado (*te*) e pronome possessivo (*teu*). Se o emprego do objeto *te* com *Você* que se faz presente desde o século XVIII, mostra-se vigoroso na escrita culta familiar dos séculos XIX-XX e se generaliza nos dados de fala e escrita atuais (“*Você disse para eu te ligar*”, cf. Lopes e cavalcante 2011:32), parece que não faz sentido as gramáticas normativas, cf. Almeida (1957)¹¹, continuarem a considerar um desvio a dita *mistura de tratamento*.

No que se refere à representação formal dos sujeitos pronominais, observou-se uma diferença de comportamento entre *Tu* e *Você*. O legítimo pronome *Tu* mostrou-se categoricamente nulo (99% na análise geral dos dados e 100% na análise em tempo aparente), ao passo que o inovador *Você* parece anunciar um estágio de transição para a mudança do parâmetro do sujeito nulo (cf. Duarte 1993). Constatou-se um equilíbrio nos percentuais relativos à representação do sujeito: 53% de *Você* não-preenchido contra 47% de preenchimento. Por um lado, a forma inovadora apresentaria comportamento típico de uma língua de sujeito nulo, por outro já revelaria, na amostra, indícios do que se firmará mais tarde, cf. Duarte (1995): maior preenchimento na posição de sujeito no PB.

¹¹ Almeida (1957:130) prescreve que para a expressão de um português escorreito, há de se atentar para o cumprimento da relação de concordância entre as formas de tratamento de 3ª pessoa gramatical e os respectivos pronomes oblíquos e pronomes adjetivos possessivos: “É de regra, num discurso, em cartas ou em escritos de qualquer natureza, a uniformidade de tratamento, isto é, do pronome escolhido para a pessoa a que nos dirigimos. Se tratamos o interlocutor por *vós*, os pronomes oblíquos devem ser os que correspondem a essa pessoa, e o mesmo se deve dizer dos adjetivos possessivos. Se o tratarmos por *tu*, usaremos os oblíquos *te*, *ti*, *contigo* e os possessivos *teu*, *tua*, *teus*, *tuas* (jamais *seu*, *sua*). Se o tratarmos por *Vossa Senhoria*, *Você* diremos o *lhe*, *seu*, *sua* etc.”

A análise pormenorizada do comportamento linguístico dos informantes quanto à representação pronominal do sujeito no estudo de painel ilustrou os contextos em que predominaram o *Você* pleno. Confirmou-se que os casos de preenchimento teriam uma motivação discursivo-pragmática típica de língua de sujeito nulo. *Você* é utilizado para destinatários específicos e o preenchimento pode marcar, na maior parte das vezes, a ênfase, o *contraste* ou a *individualização*. Além disso, em termos estruturais, o *Você* pleno ocorreria preferencialmente nos contextos em que o sujeito da oração subordinada é diferente em relação à oração matriz ou quando há elementos intervenientes, ou seja, o preenchimento do sujeito facilitaria a acessibilidade referencial, cf. Barbosa, Duarte, Kato 2001; 2005, *apud* Silva 2007; Duarte 2003. Entretanto, foi possível perceber que timidamente o pronome *Você* ocupa os espaços funcionais de *Tu*, como formas variantes, principalmente nas cartas femininas. O processo de pronominalização de *Você* parece evidenciá-lo, em fins do século XIX e na primeira metade do século XX, como um legítimo pronome de referência determinada à segunda pessoa do discurso, chegando a atuar também, na atual sincronia do PB, como uma estratégia de referência indeterminada, conforme já averiguado por Duarte (1995)¹² e por Avelar (2003).

**ESTÁGIOS DA PRONOMINALIZAÇÃO DE VOSSA MERCÊ
> VOCÊ NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

(*Transition problem*, cf. Weinreich *et al.* 1968.)

Mercê → Vossa Mercê → Você → Você → Você

Item Lexical > Forma Nominal de Tratamento > Forma Pronominal de tratamento > Forma
Pronominal de 2a Pessoa > Estratégia de indeterminação do sujeito

Quadro 03: Proposta de Estágios da Pronominalização de *Vossa Mercê* > *Você* no PB, cf. Rumeu (2004).

A análise do painel dos missivistas da família Pedreira Ferraz-Magalhães em relação à variação entre as formas *Tu* e *Você* como pronome-sujeito, evidenciou o segundo quartel do século XX (entre os anos 25 e 45) como o período em que o *Você* se mostrou mais

¹² Duarte (1995:89) aponta a seguinte ocorrência do *Você* com referência [+ arbitrária] em contextos não encaixados na fala culta do PB: “*Você* tem uma visão mais ampla, mais longínqua das coisas. *Você* tem uma visão mais... do espaço físico. *Você* não fica tão contido quanto aqui. Aqui *você* sai, *você* vê muito concreto na tua frente, *você* esbarra com isso. Lá não! *Você* tem uma visão de um litoral, *você* tem uma visão de um verde, de uma coisa mais distante. E isso é como se *você* pudesse até respirar melhor né?” (H3d, 459, 462).”

produtivo cf. Duarte (1993); Lopes e Duarte (2007). Corrobora-se também a hipótese de Soto ([2001] 2007) e de Machado (2006) em relação ao século XX como o momento em que *Tu* e *Você* passam a competir deliberadamente no campo da informalidade. Reiteram-se também as observações de Chaves (2006) e de Marcotulio *et al.* (2007), no que se refere ao inovadorismo das mulheres que preferiram o *Você* na intimidade das cartas pessoais trocadas entre os irmãos da abastada família Pedreira Ferraz-Magalhães.

(2º) Por que ocorreu a inserção de *Você* no quadro pronominal do PB (*actuation problem*, cf. Weinreich *et al.* 1968)? Qual é o contexto sócio-histórico de implementação da forma *Você* nas matrizes linguística e social do PB (*embedding problem*), conforme Weinreich *et al.* (1968)?

A inserção da forma *Você* no quadro pronominal do português tem como contexto sócio-histórico o processo de reorganização da sociedade portuguesa. A substituição do respeitoso *Vós*, tal como o *Vous* do francês, por formas nominais de tratamento (a forma *Vossa Mercê* é estabelecida para a realeza portuguesa por determinação de Felipe I através das leis de cortesia, em 1597) foi conduzida pela nobreza somente para o tratamento real, porém alcançou a burguesia e, por fim, caiu no *gosto da fala popular* que a desgastou fonética e semanticamente a ponto de originar um outro produtivo *pronome* em português (*Você*). Sob a perspectiva do encaixamento social (*embedding problem*, cf. Weinreich *et al.* 1968), tem-se um processo de mudança linguística que se espraia de *cima para baixo* (*change from above*, cf. Labov 1994.).

A implementação do *Você* e do *A gente* que, por sua vez, passam a competir, no sistema pronominal do PB, com o *Tu* e com o *Nós*, respectivamente, aliada à perda do *Vós* constituem movimentos que conduzirão a uma reestruturação do sistema pronominal. O quadro pronominal passa a contar com duas formas pronominais (o *Você* e o *A gente*) que impulsionam o verbo para a terceira pessoa do singular, o que leva o PB a assumir um parâmetro de língua de sujeito pleno com a perda da '*propriedade de licenciar e identificar sujeitos nulos*', segundo Duarte (1995). Enfim, tem-se a inserção das novas formas pronominais *Você* e *A gente* e a perda do *Vós* como mudanças que conduziram à neutralização da riqueza flexional e a uma consequente

mudança na marcação do parâmetro¹³ de sujeito nulo: o PB que era positivamente marcado em relação ao parâmetro de sujeito nulo [+ *sujeito nulo*], figurando como uma *língua pro-drop* até 1937, cf. Duarte (1993:123), passa posteriormente a ser negativamente marcado [- *sujeito nulo*] como uma *língua não pro-drop*.

O *Você*, nas cartas oitocentistas e novecentistas da família Pedreira Ferraz-Magalhães, já sugere indícios da sua pronominalização, ao mostrar-se mais produtivo no mesmo domínio funcional que o *Tu*, isto é, como *sujeito pronominal*. Além disso, acrescente-se o fato de o *Você* ter assumido, no estudo em *tempo aparente*, uma maior frequência de uso nas cartas de homens e mulheres jovens da família Pedreira Ferraz-Magalhães, o que parece apontar para um processo de mudança linguística ainda em progresso no PB.

Nas cartas da família Pedreira Ferraz-Magalhães, observou-se que as mulheres mostraram-se mais propensas ao emprego do *Você* que os homens. Confirma-se, pois, o *Paradoxo da Conformidade* (cf. Labov 2001) segundo o qual as mulheres tenderiam a preferir a norma padrão. No caso em análise, é preciso relativizar a noção de não padrão, já que a forma inovadora no PB não apresentava conteúdo semântico negativo, além de não ser uma estratégia estigmatizada. *Você* talvez carregasse, nas cartas das pessoas ilustres do século XIX, uma relativa formalidade advinda da forma nominal de tratamento que a originou *Vossa Mercê*. Acrescente-se a isso o fato de que o *Você* seria uma forma menos diretiva de tratar o interlocutor, escolha mais condizente, portanto, com o perfil social da mulher religiosa, educada à luz dos rígidos parâmetros de uma sociedade patriarcal que ainda ecoa nos Novecentos.

(3º) No decorrer da primeira metade do século XX, os informantes da família Pedreira Ferraz-Magalhães, ao mudarem de *faixa etária*, se mostram *estáveis* ou *instáveis* em relação à variação entre os pronomes-sujeito *Tu* e *Você*?

Considere-se que não é tarefa fácil identificar se o comportamento do indivíduo é *estável* ou *instável*, principalmente, nos casos em que a análise se estrutura no decorrer de sua vida (*juventude*, *adulterez* e *velhice*) como ocorre com a análise de painel de *Maria Joana* e *Maria Rosa*. Nesses dois painéis, o fato de as idosas *Maria Joana* e

¹³ A marcação de parâmetro toma como base o quadro teórico de Princípios e Parâmetros (Chomsky 1981, 1986.).

Maria Rosa assumirem, na velhice, o comportamento que tinham na juventude não poderia ser considerado uma *gradação estável*? Essa é uma questão ainda não resolvida.

Mesmo que não tenha sido possível vislumbrar, em virtude das limitações impostas pelo trabalho com textos escritos em sincronias passadas, o comportamento linguístico da comunidade com base no estudo de tendências (*trendy study*, cf. Labov 1994), tenta-se dialogar com a proposta de adaptação dos padrões de mudança Labovianos em função da variável *idade* pensada por Sankoff. A autora, ao promover uma releitura dos padrões de mudança Labovianos, admite que, no padrão de *gradação etária*, o fato de os informantes mais velhos mudarem o comportamento em direção à implementação da forma *inovadora* representa o progresso da mudança na língua. Nesse sentido, seria possível interpretar que as missivistas *Maria Joana* e *Maria Rosa* caminharam na direção histórica da implementação do *Você*, visto que, na velhice, assumem a preferência por tal forma inovadora.

Com relação à expressão do comportamento de *estabilidade* linguística, Sankoff sugere que os adultos já inseridos no mercado de trabalho possam apontar para uma maior produtividade da variante padrão. Nesse sentido, observa-se que o comportamento *estável* dos missivistas *Fernando* e *Pe. Jerônimo* que, no auge de suas atividades religiosas no interior dos conventos, se voltaram para o emprego do conservador *Tu*, pode ser justificada pelo exercício do magistério. Acrescente-se ainda o fato de que, ao púlpito dos altares, é reservada a expressão da norma padrão (caracterizada pela produtividade do pronome-sujeito *Tu*) e não a divulgação da norma de uso da língua através do inovador *Você*.

O estudo de painel com informantes de uma única família (a Pedreira Ferraz-Magalhães) exige que se limite a contundência das conclusões sugeridas pela análise. Entretanto, é possível tecer algumas considerações mais gerais com base no fato de o *Você* ter se mostrado mais produtivo na produção escrita das *mulheres* e, principalmente, no contexto sócio-histórico do Brasil dos anos 30. Nesse sentido, há de se pensar numa distinção entre o que se designa *tempo-idade* e *tempo-histórico*. Por um lado, há a questão da *idade* das mulheres sugerindo uma maior produtividade de *Você* quando mais idosas. Por outro lado, é curioso pensar que tal fato se deu nos anos 30, período histórico de transformações sociais importantes no Brasil e no mundo

tais como: a crise econômica de 1929, o fervilhar das idéias socialistas em oposição ao capitalismo, os desdobramentos dos movimentos nazifacistas (o nazismo alemão e o facismo italiano), o movimento anarquista, a Revolução de 1930 com a deposição de *Washington Luís* e a consequente ascensão de *Getúlio Vargas* ao poder no Brasil. Como não se delineou, neste trabalho, o perfil da comunidade linguística, através do estudo de tendências, seria mesmo possível afirmar, com base nas análises de painel e de tempo aparente, que a *instabilidade das mulheres* denotaria um padrão de *gradação etária*? Caso se pense no caráter conservador dessa família extremamente voltada para o rigor dos valores religiosos, acredita-se que o perfil de *gradação etária* atenda às condições expostas. No entanto, caso se considere que os religiosos missivistas da família Pedreira Ferraz-Magalhães também estão inseridos nesse contexto de mudanças históricas e aliado a isso se tem o fato de que viajavam muito pelo Brasil e pelo exterior, atuando, na idade adulta, mais incisivamente no ensino, não seria admissível conjecturar o padrão de *mudança comunitária*? Essas mulheres não poderiam ter adotado o comportamento da comunidade linguística em transformação? Seria lícito supor que a sociedade mudou, determinando a *mudança linguística*? Trata-se de questões por resolver.

O afortunado achado de um conjunto de cartas familiares pertencentes à coleção “*Irmã Zélia*”, no acervo do Arquivo Nacional - RJ, permitiu ao linguista-pesquisador entrever a possibilidade de um trabalho cujo viés sociolinguístico pôde ser ratificado com a confecção de um estudo de painel na perspectiva Laboviana (*panel study*). E mais ainda: comprovou-se que, de acordo com a intuição de *Monteiro Lobato*, em carta ao amigo Godofredo Rangel, a “(...) *Língua de cartas é língua em mangas de camisa e pé-no-chão – como a falada*” e que, assim como nos séculos XIX e XX, ainda persiste, no século XXI, a famigerada *mistura de pronomes* (evidência da reorganização do quadro pronominal do PB) tão fortemente rechaçada pela gramática normativa e tão sabiamente defendida pelo autor que insistia, no alvorecer do século XX, em continuar se expressando sem fiscalizar gramaticalmente suas frases em cartas e em continuar, portanto, *misturando os pronomes*:

Não fiscalizo gramaticalmente minhas frases em cartas (...) E, portanto, continuarei a misturar o “tu” com “você” como sempre fiz (...).

(Carta de *Monteiro Lobato* ao amigo *Godofredo Rangel*. São Paulo, 07.11.1904. *apud* Pereira Júnior 2008.)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Aguilar, Rafael Cano. 1998. Presencia de lo oral en lo escrito: la transcripción de las declaraciones en documentos indios del siglo XVI. En W. Oesterreicher; E. Stoll; A. Wessch. (eds.) *Competencia escrita, tradiciones discursivas y variedades lingüísticas: aspectos del español europeo y americano en los siglos XVI y XVII*. Gunter Narr Verlag Tübingen: 219-242. 219-242.
- Almeida, Napoleão Mendes de. 1957. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 9ª ed. São Paulo, Ed. Saraiva.
- Avelar, Juanito Ornelas. 2003. Estruturas com o verbo *ter*, preenchimento de sujeito e movimento em forma lógica. Comunicação apresentada no *III Congresso Internacional da ABRALIN*, Faculdade de Letras/UFRJ, Rio de Janeiro, 13-14 março 2003.
- Barbosa, Afranio Gonçalves. 1999. *Para uma História do Português Colonial: Aspectos Linguísticos em Cartas de Comércio*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Inédita.
- Barbosa, Afranio Gonçalves. 2005. Tratamento dos *corpora* de sincronias passadas da língua portuguesa no Brasil: recortes grafológicos e linguísticos. Em C. R. S. Lopes. (org.) *A Norma Brasileira em construção: fatos linguísticos do século 19*. Faculdade de Letras/UFRJ, Rio de Janeiro, FAPERJ: 25-43.
- Barcia, Lucia Rosado. 2006. *As formas de tratamento em cartas de leitores oitocentistas: peculiaridades do gênero e reflexos da mudança pronominal*. Dissertação em Língua Portuguesa. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Inédita.
- Brito, Onilda Regina Marchioni de. 2001. “Faça o mundo te ouvir”. *A uniformidade de tratamento na história do português brasileiro*. Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Londrina, Londrina. Inédita.
- Callou, Dinah. 2002. Da história social à história linguística: o Rio de Janeiro no século XIX. Em T. M. Alkmim (Org.) *Para a História do Português Brasileiro. Volume III: Novos Estudos*. São Paulo, Humanitas/FFLCH/USP: 281-292.
- Callou, Dinah; Serra, Carolina. 2007. Aspectos da história demográfica e social do Rio de Janeiro: Escolarização, norma e nacionalidade. Em J. Ramos; M. Alkmim (Orgs.) *Para a história do português brasileiro. Volume V: Estudos sobre Mudança Linguística e História Social*. Belo Horizonte, Faculdade de Letras/UFG: 443-463.
- Carboni, Florence; Maestri, Mário. 2003. *A LINGUAGEM ESCRAVIZADA: língua, história, poder e luta de classes*. São Paulo, Expressão Popular.
- Carneiro, Zenaide de Oliveira Novais. 2005. *Cartas brasileiras (1809 – 1904): um estudo linguístico-filológico*. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Inédita.
- Castro, Ivo. 1996. Para uma história do português clássico. I. Duarte; I. Leiria. (Orgs.) *Actas do Congresso Internacional sobre o português*. Lisboa, Colibri: 135-150.
- Chaves, Elaine. 2006. *Implementação do Pronome Você: a contribuição de pistas gráficas*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Inédita.
- Chomsky, N. 1981. *Lectures of Government and Binding*. Foris: Dordrecht.

- Chomsky, N. 1986. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. New York: Praeger.
- Cintra, Luís F. Lindley. 1972. *Sobre “Formas de Tratamento” na língua portuguesa*. Lisboa, Livros Horizonte/Coleção Horizonte 18.
- Cunha, Celso. 1985. *A Questão da Norma Culta*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.
- Duarte, Maria Eugênia Lamoglia. 2003. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. Em M. C. Paiva; M. E. L. Duarte (Orgs.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria, FAPERJ: 115-128.
- Duarte, Maria Eugênia Lamoglia. 1999. Sociolinguística Paramétrica: perspectivas. Em D. da Hora; E. Christiano, (Orgs.) *Estudos linguísticos: realidade brasileira*. João Pessoa, Idéia Editora Ltda: 107-114.
- Duarte, Maria Eugênia Lamoglia. 1995. *A perda do princípio ‘Evite pronome’ no português brasileiro*. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Inédita.
- Duarte, Maria Eugênia Lamoglia. 1993. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. Em I. Roberts; M. Kato. (orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. São Paulo, Campinas, Editora da Unicamp: 107-128.
- Fernández, Francisco Moreno. 1998. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Espanha, Ariel Lingüística.
- Guy, Gregory Riordan; Zilles, Ana Maria Stahl. 2007. *Sociolingüística Quantitativa – instrumental de análise*. São Paulo, Parábola Editorial.
- Koch, Peter. 2008. Tradiciones Discursivas y Cambio Lingüístico: el ejemplo del tratamiento vuestra merced en español. En J. Kabatek (ed.) *Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: Nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas*. Madrid/Frankfurt, Iberoamericana/Vervuert, Linguística Iberoamericana 31: 53-88.
- Labov, William. [1972] 2008. *Padrões Sociolingüísticos*. São Paulo, Parábola Editorial.
- Labov, William. 2001. *Principles of Linguistic Change: Social Factors*. Volume II. Cambridge, Blackwell Publishers.
- Labov, William. 1994. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Volume I. Cambridge: Blackwell Publishers.
- Labov, William. 1990. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. Em D. SANKOFF *et al.* (eds.), *Language Variation and Change*. Cambridge, Cambridge University Press, 2 (2): 135-56.
- Lass, Roger. 1997. *Historical linguistics and linguistic change*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Lobato, Monteiro. 1904. Carta de Monteiro Lobato a Godofredo Rangel, produzida em São Paulo, 07.11.1904. Em Pereira Júnior, L. C. A gramática de Emília, *Revista Língua Portuguesa*, Ano III, Número 27: 36-42. 2008.
- Lobo, Tânia Conceição Freire. 2001. *Para uma sociolinguística histórica do português no Brasil. Edição filológica e análise linguística de cartas particulares do Recôncavo da Bahia, século XIX*. Tese de Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa. Universidade de São Paulo. São Paulo. Volume II. Inédita.

- Lopes, Célia Regina dos Santos; Cavalcante, Sílvia Regina. 2011. *A cronologia do voceamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te*, Linguística. Vol. 25, junho: 30-65.
- Lopes, Célia Regina dos Santos; Marcotulio, Leonardo Lennertz; Silva, Aline dos Santos, Santos, Viviane Maia dos. 2009. Quem está do outro lado do túnel? *Tu ou você na cena urbana carioca. Processos urbanos I: variação linguística em megalópoles latino-americanas, Neue Romania*, 39: 49-66.
- Lopes, Célia Regina dos Santos. 2008. Retratos da variação entre você e tu no português do Brasil: sincronia e diacronia. Em C. Roncarati; J. Abraçado, (Orgs.). *Português Brasileiro II - contato linguístico, heterogeneidade e história*. Volume 2, Niterói, EDUFF: 55-71.
- Lopes, Célia Regina dos Santos; Duarte, Maria Eugênia Lamoglia. 2007. Notícias sobre o tratamento em cartas escritas no Brasil dos séculos XVIII e XIX. Em J. M. Ramos; M. Alkmim, A. (Orgs.) *Para a história do português brasileiro: Estudos sobre Mudança Linguística e História Social*. Volume V, Belo Horizonte, Faculdade de Letras/UFG: 329-357.
- Lopes, Célia Regina dos Santos; Duarte, Maria Eugênia Lamoglia. 2003. De “Vossa Mercê” a “Você”: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. Em Brandão, S. F.; Mota, M. A. (Org.) *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. Rio de Janeiro, In-fólio: 61-73.
- Lopes, Célia Regina dos Santos. 2003. *A inserção de ‘a gente’ no quadro pronominal do português*. 1ª ed., Volume 18, Frankfurt/Madri: Vervuert/Iberoamericana.
- Lopes, Célia Regina dos Santos. 1993. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Inédita.
- Lopes, Célia Regina dos Santos; Machado, Ana Carolina Morito. 2005. Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós. Em C. R. S. Lopes (Org.) *A Norma Brasileira em Construção. Fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19*. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, FAPERJ: 45-66.
- Loregian-Penkal, Loremi. 2004. *(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região sul*. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade Federal do Paraná. Curitiba. Inédita.
- Lucchesi, Dante. 1998. A constituição histórica do português brasileiro como um processo bipolarizador: tendências atuais de mudança nas normas culta e popular. Em S. Grobe; K. Zimmermann (eds.), “*Substandard*” e mudança no português do Brasil. Frankfurt am Main, TFM: 73-99.
- Machado, Ana Carolina Morito. 2006. *A implementação de “Você” no quadro pronominal: as estratégias de referência ao interlocutor em peças teatrais no século XX*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Inédita.
- Marcotulio, Leonardo Lennertz. 2008. *A preservação das faces e a construção da imagem no discurso político do marquês do Lavradio: as formas de tratamento como estratégias de atenuação da polidez linguística*. Volumes I e II. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Editada.

- Marcotulio, Leonardo Lennertz; Silva, Paula Fernandes da; Lopes, Célia Regina dos Santos. 2007. *A norma brasileira em construção: a variação entre tu e você no início do século XX*. Comunicação apresentada no II Congresso Internacional da AILP: Identidade, Difusão e Variabilidade, Faculdade de Letras/UFRJ, Rio de Janeiro, 25-27 setembro. 2007.
- Menon, Odete Pereira da Silva. 2006. A história de você. Em M. Guedes; R. A. Berlinck, C. A. A. Murakawa. (Orgs). *Teoria e análise linguísticas: novas trilhas*. Araraquara, Laboratório Editorial FCL/UNESP, Cultura Acadêmica Editorial: 99-160.
- Modesto, Artaxerxes Tiago Tácito. 2006. *Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância Tu/Você na cidade de Santos-SP*. Dissertação de Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa. Universidade de São Paulo, São Paulo. Editada.
- Mollica, Maria Cecília; Braga, Maria Luiza. 2004. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo, Contexto.
- Nahkola, Kari.; Saanilahti, Marja. 2004. Mapping language changes in real time: A panel study on Finnish, *Language Variation and Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 16: 75-92.
- Oliveira e Silva, Giselle Machline de. 1992. Coleta de dados. Em M. C. Mollica (Org.). *Introdução à Sociolinguística Variacionista. Cadernos didáticos*. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ: 101-114.
- Pagotto, Emílio Gozze. 1999. Norma e condescendência: ciência e pureza. Em *Línguas e Instrumentos linguísticos*. Volume 2, São Paulo, Pontes: 49-68.
- Paiva, Maria da Conceição; Duarte, Maria Eugênia Lamoglia. 2004. Mudança linguística: observações no tempo real. Em M. C. Mollica; M. L. Braga. (Orgs.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo, Contexto: 179-190.
- Paiva, Maria da Conceição. 2004. A variável gênero/sexo. Em M. C. Mollica; M. L. Braga. (Orgs.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo, Contexto: 33-42.
- Paiva, Maria da Conceição; Duarte, Maria Eugênia Lamoglia. 2003. (Orgs.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Paiva, Maria da Conceição; Duarte, Maria Eugênia Lamoglia. 2003. A mudança linguística em curso. Em M. C. Paiva; M. E. L. Duarte (Orgs.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria: 13-29.
- Paredes silva, Vera Lúcia Pereira. 1988. *Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Inédita.
- Pedreira de castro, Pe. Jerônimo. 1960. *Zélia ou Irmã Maria do SS. Sacramento. Vida exemplar de uma mãe cristã, que terminou seus dias junto a Jesus Sacramentado*. VII Edição Petrópolis, Editora Vozes.
- Pereira Júnior, Luís Costa. 2008. A gramática de Emília. *Revista Língua Portuguesa*, Ano III, Número 27: 36-42.
- Raumolin-Brunberg, Helena. 2005. The diffusion of subject YOU: A case study in historical sociolinguistics, *Language Variation and Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 17: 55-73.

- Rumeu, Márcia Cristina de Brito. 2008. *A implementação do 'Você' no Português Brasileiro Oitocentista e Novecentista: Um Estudo de Painei*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Volumes I e II. Inédita.
- Rumeu, Márcia Cristina de Brito. 2004. *Para uma História do Português no Brasil: Formas Pronominais e Nominais de Tratamento em Cartas Setecentistas e Oitocentistas*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Inédita.
- Samara, Eni de Mesquita. 2004. *A família brasileira*. São Paulo, Brasiliense.
- Sankoff, Gillian. 2006. Age: Apparent time and real time, *Encyclopedia of Language and Linguistics*. Second Edition. Article Number: LALI: 01479.
- Saussure, Ferdinand de. 1915. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo, Editora Cultrix.
- Silva, Humberto Soares da. 2007. O parâmetro do sujeito nulo no português e no espanhol, *Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, Rio de Janeiro, Nº 2: 45-62.
- Soto, Eva Ucy Miranda Sá. 2007. *Cartas através do tempo: o lugar do outro na correspondência brasileira*. Niterói, EDUFF.
- Soto, Eva Ucy Miranda Sá. 2001. *Variação/Mudança do Pronome de Tratamento Alocutivo: Uma análise enunciativa em cartas brasileiras*. Tese de Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa, Araraquara. Editada.
- Tin, Emerson. (org.). 2005. *A arte de escrever cartas: Anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam, Justo Lúpsio*. Campinas, Editora da UNICAMP.
- Zilles, Ana Maria Stahl. 2005. The development of a new pronoun: The linguistic and social embedding of *a gente* in Brazilian Portuguese, *Language Variation and Change*, Cambridge: Cambridge University Press, 17:19-53.
- Weinreich, Uriel; Labov, William; Herzog, Marvin I. [1968] 2006. *Empirical foundations for a theory of language change. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo, Parábola.